



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

Em 2016 taparam o sol com a peneira, que venha 2017 sem aves de mau agouro

An contrário de Hércules, não tivemos força para nos livrar da fera e o bicho de sete-cabeças, endoidou o 2016. Queimando pestanas lembramos fristes que diziam que é de pequeno que se torce o pepino. É a gente não acreditou. O pessoal que andava com o rei na barriga anda mais murcho e arreventado do que pneu de carro em ferro velho, tanto aqui no Brasil como nas vizinhanças.

Gente que se postou de construtor do novo tempo só fez elefante branco, pois foi apenas testa de ferro de "utopias" dos poderosos, não entendia patavina da vida real, foi cometendo erro crasso em cima de erro crasso. Agora as lágrimas de crocodilos que escorrem desse tipo revoltam antes de comover.

Os tidos como grandões (no Brasil, Argentina, Venezuela – Lula, Cristina e o Maduro) saíram zunindo mundo a fora com a corda toda, em sangria desatada, gritando aos quatro ventos que o passado são favas contadas e o resultado não poderia ser outro, ou seja, apressado come cru. A maioria dos pacholas que pintaram e bordaram às custas do povo agora treme como se estivesse com a corda no pescoço.

Os que já estão vendo o sol nascer quadrado protestam por se sentirem como sardinha em lata, tastaveiam na tentativa de não pagar o pato e lamentam terem abandonado a filosofia de que mais vale um pássaro na mão do que dois voando.

Fazendo ouvidos de mercador e tentando tampar o sol com a peneira gente de esquerda e de direita passou a colocar panos quentes em suas desavenças e mandaram o povo ir cachimbar formigas. Filósofos, sociólogos, antropólogos, que estão, no fundo, no fundo, mais preocupados em afogar o ganso, andam escrevendo teses e mais teses na tentativa de descobrir para onde foi o pomo da discórdia que fez o grande líder dos trabalhadores do Brasil se revelar autêntico santo do pau oco e se tornar dócil estafeta dos maiores empreiteiros desta Pátria amada, salve, salve.

Será mesmo que é tudo farinha do mesmo saco?

O que se viu no decorrer deste maluco ano de 2016 foi os arautos do novo porvir se comportando como Maria vai com as outras e seus asseclas a definir os críticos como aves de mau agouro. Por causa dos imbróglis onde se enfiaram esses homem e mulheres, antes tido como salvadores da Pátria, hoje andam chorando pitangas, alguns dos convivas íntimos dizem, à boca pequena, que eles voltaram a consumir aquela que matou o guarda e a jurar de pés juntos que são inocentes.

Um ponto por demais pitoresco nesse panorama brasileiro que tem a exata cor do burro quando foge é que aqueles malandros que não tinham papas na língua hoje em fila indiana ficam pensando na morte da bezerra, fingindo não entender patavinas do que se processa ao redor a espera de alguém que venha passar a mão por suas cabeças ou serem salvos pelo gongo.

Figuras de álbum escolar, hoje testas de ferro de quem teoricamente mais odiavam, transformaram o país na casa da mãe Joana, queimam as pestanas para se livrar do pior e a toque de caixa parecem dispostos vagarem até onde Judas perdeu as botas para se safarem. Conseguirão? Só Deus sabe, mas tá bonito de ver amigos da onça dando com a língua nos dentes a todo instante.

É o povo, agora deixando de nhenhênham para pagar a conta a toque de caixa come com os olhos e se dá conta que realmente o pior cego é aquele que não quer enxergar, que meia dúzia de gatos pingados fazem mais poeira que um batalhão. E, o povo, busca saída, e vai conferir se é verdade que quem não tem cão caça com gato!

Jornalista, membro da Academia Passo-fundense de Letras.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

FHC, Lula, Dilma: quem é quem no caos brasileiro?

O Brasil, após 22 anos sob o comando de FHC, Lula e Dilma (num silêncio por demais estranho de pensadores, analistas, oposicionistas, esquerdistas, direitistas) – se torna um dos países mais violentos do Planeta. Para enlouquecer os sábios no tema do crime, na medida em que a renda cresceu aumentou a taxa de homicídios por cada cem mil habitantes justo quando governos tidos de esquerda comandaram a Nação.

Como chegamos a isso?

Com redemocratização, nos anos de 1980, o País passa a registrar mais de 10 assassinatos por cada grupo de 100 mil pessoas o que, para a Organização Mundial da Saúde, é um índice desastroso por caracterizar epidemia de violência. Entram os anos de 1990 e essa taxa de morticínio dobra, vai para 22,2 assassinatos por cada 100 mil. Alguém recorda de alguma providência dessa época?

A JusBrasil diz que na era FHC a taxa de homicídios foi de 26,1 por 100 mil, ou seja, 43.000 mortes absolutas por ano; o crescimento nas mortes absolutas de 1995 a 2002 foi de 33,8%; na taxa por 100 mil foi de 19,7%. Na era Lula a média foi 26,7 por 100 mil habitantes, com 49.700 mortes absolutas por ano.

Já a média de homicídios na era Dilma foi de 28 por 100 mil habitantes, com 54.200 mortes absolutas por ano. Houve crescimento de 7,9% nas mortes absolutas de 2011 a 2012. Também houve aumento de 7% na taxa de mortes por 100 mil.

Como chegamos a isso?

Essa violência crescente que tomou conta do país se verifica, ainda, no trânsito, no astronômico aumento de casos de roubos, inclusive de cargas, latrocínios, furtos, assaltos a bancos, espancamento de mulheres. E agora, apenas como decorrência da tragédia fartamente anunciada, assistimos impotentes esses os massacres em nosso sistema carcerário medieval.

Como chegamos a isso?

Depois de 22 anos de governos tidos como de esquerda, o Brasil registra mais de 12 milhões de desempregados, o mais alto índice de corrupção do mundo, um sistema de saúde falho que não impede a morte até em corredores hospitalares, um ensino básico pífio e excludente, um ensino médio desatualizado e capenga e até aumento no número de analfabeto.

Como chegamos a isso?

Como andam nossas estradas, ferrovias, hidrovias, portos, aeroportos?

Com vinte anos de administração pública eficiente alguns países fizeram em benefício da qualidade de vida de suas populações o que alguns chamam de milagre: Japão, Alemanha, Coreia do Sul, Cingapura, a lista é longa. Óbvio que não há milagre o que os governantes fizeram nesses e em outros países pode se resumir em poucas palavras: competência, seriedade, respeito com o dinheiro público.

A praga populista, fisiológica, do discurso fácil nos engabelou. Ficamos na masturbação mental ideológica de que tudo era questão de vontade política e estamos no caos com líderes políticos e empresariais do período na cadeia ou se preparando para temporada atrás das grades. Eis algo ainda mais deprimente: enquanto políticos de outros países ocupam páginas memoráveis da história mundial com seus feitos, servindo de exemplo às novas gerações, os nossos enchem os prontuários policiais.

Como chegamos a isso?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Nós, brasileiros, temos pendores por ditaduras?

Assim, rápido, dá para dizer que na ditadura o cara manda e quem não obedece vai para a prisão ou some do mapa. É assim em Cuba e Coréia do Norte, para citar duas ditaduras atuais administradas por democratas de araque. Foi assim no Brasil, Argentina, Chile, Uruguai e anda desse modo na Venezuela.

Mesmo assim nós vivenciamos algo absurdo que lembra o vendedor na praia: olha a ditadura aí! Vai uma ditadura geladinha?

Trato do tema por causa desse terrível fato. Assustados, perplexos expressamos apoio a governos ditatoriais como se estivéssemos discutindo receita de bolo. Ou quais temperos usar na carne de panela com batatas.

Com desconcertante naturalidade cresce o número de pessoas que defendem a implantação de uma ditadura. Não, não são os tais de radicais, é a dona de casa na fruteira, a professora na sala de aula, o comerciante depois do sexto assalto, o taxista que não quer mais trabalhar à noite, o caminhoneiro que vai apressar a aposentadoria...

Diante da gravidade da nossa situação brotou, como cogumelos depois da chuva, o número de pessoas a expressarem, com a naturalidade desconcertante que referi, apoio a um regime de exceção como se ele fosse capaz de nos tirar do caos que os governos fanfarrões, ditos de esquerda, nos legaram.

É um mar de gente que faz coro com aqueles que olham esse estrago econômico, social, ético de hoje e registra que no regime militar sepultado nos anos de 1980 tudo andava às mil maravilhas. Pode?

Façam suas enquetes e depois me digam o resultado.

Em particular esse clima de insegurança que nos aprisiona em casa, que levou os números de assassinatos ao patamar de pandemia – e mostrou sua cara com virulência nesses massacres em presídios – serve de argumento para pedir o retorno dos militares.

Quem explica tal fenômeno?

A coisa mais complexa do que aparenta e nos leva a indagar: tem algo de profundamente autoritário no DNA político do povo brasileiro? Como tantos podem crer com tanta convicção que ditadura é melhor que democracia?

Nada é simples, pois um dos poucos políticos admirado entre nós é o gaúcho Getúlio Dornelles Vargas, que nos governou com mão de ferro por 15 anos. Ele foi ditador e depois voltou ao poder pelo voto. Pode?

Sim, nós reverenciamos um ditador como o pai dos pobres. Óbvio que isso deve dizer algo sobre as nossas convicções democráticas. Ou não? Tanto é que a internet está inundada de relatos sobre maravilhas dos generais que governaram a partir de 1964. Não posso ser parcial, devo reconhecer que genocidas emblemáticos como Stálin, Mao Tse Tung e Fidel também têm simpatizantes entre nós, inclusive em universidades.

Outro detalhe: sou da geração que discutiu à exaustão em sala de aula, sindicato, salões paroquiais e porões, a instalação da ditadura do proletariado entre nós. Claro, isso se deu durante uma ditadura, mas de qualquer modo nos obriga a refletir. Por que razão uma geração de jovens tidos como letrados acreditou que ditadura era a melhor saída?

A soma de tudo vai dar no que, mesmo, em nosso DNA?

É impressionante tudo isso.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

Trump, Putin e o nosso complexo de vira-lata

No campo ideológico parece que a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos revigora (ou resuscita?) a dicotomia que marcou profundamente o Planeta no período da chamada "Guerra Fria". Ela tisonou de modo particular as republiquetas de banana entre as quais, óbvio, a gente se incluía. Se incluía?

Foi tempo em que a coisa parecia simples: o cara estava do lado dos americanos imperialistas ou apoiava os comunistas da União das Republicas Socialistas Soviéticas (e China, irmã siamesa). A URSS já sumiu, a Rússia de Putin tem economia de mercado e os comunistas locais ainda não se deram conta disso. A revolução cultural apagou na China tudo que era ocidental, capitalista, religioso, tecnológico e hoje o líder chinês diz que fora do mercado não há salvação. Ah, sim, na Rússia de Putin macho que é macho pode bater na mulher, desde que não lhe quebre os dentes – é cultural, sacaram?

E nós brasileiros nem paramos para refletir sobre isso. Ainda estamos divididos sem saber exatamente quais são os reais interesses do nosso país, da nossa economia, do nosso povo, do nosso futuro.

Pior, velhotes aposentados, intelectuais orgânicos que vicejaram nessa vertente e quejandos se engalfinham no blabláblá como se Trump e Putin tivessem um mínimo de preocupação com o que falamos deles no Brasil.

Afinal, temos que, necessariamente, escolher entre Trump ou Putin? Temos que, necessariamente, amar um e odiar outro? O florentino Nicolau Maquiavel, se vive estivesse, zombaria da nossa cara numa hora dessas e lascaria: "como é difícil para um povo acostumado a viver sob o domínio de um príncipe preservar sua liberdade".

O mundo deu voltas e mais voltas e continuamos os mesmos, ou seja, com a autoestima baixa inclusive mantendo ativo o complexo de vira lata que nos persegue há muito tempo. O médico Humberto Mariotti, que trata dessa questão de baixa autoestima não cansa de citar o grande dramaturgo Nelson Rodrigues cuja sentença não sai da moda: "O brasileiro é um Narciso às avessas, que cospe na própria imagem. Eis a verdade: não encontramos pretextos pessoais ou históricos para a autoestima".

Por "complexo de vira-lata", Nelson entendia a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Particularmente nos territórios da política e da economia. Passamos a vida reclamando de exploradores e imperialistas, como se fossemos coitadinhos sem condições de construir uma Nação forte e próspera.

Quem explica esse fenômeno de os brasileiros – e os sul americanos em geral – se colocarem como protagonistas só dos campos de futebol? Quando se trata de economia, política, ciência, tecnologia nem tentamos ser coadjuvantes. O complexo de vira-lata nos reservou o papel de figurantes e achamos o máximo!

Por que será que a explosão tecnológica que varreu o mundo depois dos anos de 1950 não encontrou terreno fértil em nossas plagas? Países arrasados por genocídios e bombas se tornaram verdadeiras potências e nós estamos produzindo o quê? Tudo por culpa dos imperialistas, dos exploradores?

Não tenho que escolher entre Trump ou Putin, ou Jinping...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

Quando a gente queimava bandeiras do Tio Sam!

Com o alarido provocado entre nós pela posse de Donald Trump recordei que em 1967 – tempo de ódio visceral contra os Estados Unidos – retornei de um Conselho de UNE com o que seria cópia mimeografada de um famigerado acordo MEC-USAID – documento produzido nos anos 1960, entre o Ministério da Educação brasileiro (MEC) e a United States Agency for International Development (USAID) visando dar assistência técnica e cooperação financeira para modernizar nossa educação.

Modernizar é o que as autoridades diziam, para nós era plano diabólico de dominação. Com o que a glória das glórias era ir para a rua e queimar uma bandeira do Tio Sam para ele saber com quem, realmente, estava falando.

Entre 1964 e 1968 foram 12 desses acordos, abrangendo da educação primária (atual ensino fundamental) à superior, sendo o último assinado em 1976. Os MEC-USAID “inseriam-se num contexto histórico fortemente marcado pelo tecnicismo educacional da teoria do capital humano, isto é, pela concepção de educação como pressuposto do desenvolvimento econômico”. Nesse contexto, a “ajuda externa” para a educação objetivava fornecer diretrizes políticas e técnicas para reorientar o sistema educacional, à luz das necessidades do desenvolvimento capitalista internacional.

Que dizer, nem brincar com esse tal de capitalismo, tido como veneno aos que desejavam implantar aqui a ditadura do proletariado. Para nós, vanguarda do povo, os técnicos norte-americanos “mais do que preocupados com a educação brasileira, estavam ocupados em garantir a adequação de tal ensino aos desígnios da economia internacional, sobretudo aos interesses das grandes corporações americanas.” Toóóiiing!

Cinquenta anos depois a charla antiamericana é a mesma e o cara que parece assumir nossas posições – primeiro a América – atíça a raiva. Se o Trump só cuidará da vida deles porque vamos nos incomodar?

Aí qualquer exercício que encabula e deixa a gente sem saber o que fazer. Em 1967, por exemplo, o PIB brasileiro, beirava os 31 bilhões de dólares. Na mesma época o PIB americano beirava os 900 bilhões de dólares, claro que com o peso da indústria de bandeira que não dava vencimento para atender o mercado, pois o mundo inteiro se deliciava em queimá-las. Hoje nosso PIB mal passa dos três bilhões de dólares e o do Tio San chega aos 18 trilhões de dólares.

Enquanto isso o modelo de sociedade da juventude – aquele que tinha por base a tal da ditadura do proletariado – foi ruindo, ruindo e, depois de matar de fome, de frio, na tortura, nas prisões perto de cem milhões de seres humanos muda para o modelo do Tio Sam. Pelo amor de Deus Xi Jinping você abandona a ditadura do proletariado para defender a globalização? E o velho Mao vai dizer o quê? E as hemorroidas do Marx?

Estranho é que ninguém debater a respeito! Estamos todos encabulados? E o que dizer aos que pereceram ao longo do caminho?

Ah, sim, é de perguntar: o que produz de bom as universidades americanas cujo modelo queriam trazer ao Brasil? Sinceramente não sei se produzem algo de positivo para seu país ou para a humanidade. Agora, se Prêmio Nobel significa algo de bom apenas seis delas (Stanford tem o recorde de onze prêmios) já ganharam mais de 50. Quantos os Estados Unidos são realmente imperialistas, pois já levaram 358 desses prêmios. Assim não dá, assim não dá. É envelhecer tem disso, a gente às vezes pode ficar com a sensação de ser biruta de aeroporto...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Ali Babá e nossos ladrões

Não passa dia, nas redes sociais, que a parte de nossa esquerda e a turma do Lula (engrossada com Renan, Cunha, Cabral, Lobão) fique sem registrar que, no Brasil, a corrupção sempre existiu. Quer dizer: não fizeram nada novo, seguirão refrão.

Reiteram sempre: corrupção, o costume de roubar, botar a mão no dinheiro público, esse toma lá dá cá veio com a turma que chegou de Portugal para começar vida nova a terra do Pau Brasil.

Diz a história (ou seria lenda?) que nos quatorze navios, além da família real, vieram funcionários, criados, assessores, pessoas de finíssimo trato ligadas à corte portuguesa. Ainda veio muito dinheiro, obras de arte, documentos, livros, bens pessoais e outros objetos de valor além dessa cultura de não distinguir o público do privado e, em decorrência, confirmando o adágio "onde toda a gente peca, ninguém faz penitência".

Seguia neste escrito quando a mente ligou essa turma de hoje à historinha do "Ali Babá e os 40 ladrões". Incrível a quantia de versões do caso, peguei a que segue:

- Era uma vez um jovem chamado Ali Babá. Ele viajava pelo reino da Pérsia levando e trazendo notícias para o rei. Numa das viagens, enquanto descansava, ouviu vozes. Subiu numa árvore e viu quarenta ladrões diante de uma enorme pedra. Um deles adiantou-se e gritou: "Abre-te Sésamo!"

A enorme pedra se moveu, mostrando a entrada de uma caverna, os ladrões entraram e a pedra fechou-se. Quando os ladrões saíram, Ali Babá resolveu experimentar e gritou para a pedra: "Abre-te Sésamo!"

A enorme pedra se abriu e Ali Babá entrou na caverna. Viu um imenso tesouro e carregou o que pôde no seu cavalo e partiu direto em direção ao palácio para pedir a filha do sultão, por quem estava apaixonado há muito tempo, em casamento. Quando o sultão viu o dote, aceitou imediatamente.

Ali Babá ficou muito feliz e resolveu contar para todos que ia se casar. Mas para isso precisava comprar um palácio para a sua princesa. Voltou à pedra e falou: "Abre-te Sésamo!" Um dos ladrões estava escondido e viu Ali Babá sair da caverna carregando o tesouro. O ladrão foi contar aos outros o que viu e decidiram pegá-lo. Com as joias, Ali Babá comprou um palácio para sua amada e avisou a todos que daria uma festa no dia do seu casamento.

Os ladrões, sabendo da festa, enfiaram-se em tonéis de vinho vazios para atacar Ali Babá à meia-noite, quando estivesse dormindo. A festa foi tão alegre que o vinho acabou. Ali Babá então, foi à adega verificar se havia mais e, sem querer, escutou um sussurro: "Já deu meia-noite?" perguntou um dos ladrões.

"Já, mas esperem a festa acabar! Aí vamos pegar aquele que está usando o nosso tesouro." Voltando à festa, Ali Babá disse: "O vinho estragou e preciso de ajuda para levá-lo daqui."

Alguns guardas ajudaram a levar os tonéis até um despeñadeiro. "Vamos jogá-los lá em baixo", disse Ali Babá. Ao perceber que seriam jogados, os quarenta ladrões entregaram-se aos guardas. Com os ladrões presos, Ali Babá ficou com o tesouro. E a princesa e ele viveram felizes para sempre com a fortuna encontrada.

PS.: O argumento da história original seria que Ali não roubou. Tomou dos ladrões e depois se defendeu. Contudo, na verdade, Ali roubou um pouco, se acostumou a um nível de vida mais alto e passou a saquear sistematicamente a poupança daqueles abnegados cultores do assalto para manter o nível de vida que passara a considerar seu de direito.

PS.2: Quem foi que disse a frase: "A história se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa".

PS.3: Quem disse que ladrão de rouba de ladrão tem cem anos de perdão?

Quer dizer, viva o carnaval...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

O ódio nosso de cada dia

Estava escrito nas estrelas: o **nosso** grau de intolerância com a diversidade está chegando – há quem defenda que já chegou – ao patamar do ódio. Não suportamos nem minuto de silêncio.

Quando deixamos a hipocrisia de lado temos de admitir que não poderia ser diferente: no cotidiano brasileiro, ao menos nos últimos 50 anos, temos pregado a inevitabilidade do conflito, insistido na necessidade imperiosa do confronto, batido na tecla de que a revolução violenta é intrínseca à dialética, o homem novo não virá sem sangue para lavar a imundície que a humanidade espalhou pela estrada.

Inegavelmente, nesse quesito, conseguimos ser eficientes, agora temos enorme capacidade de odiar sem saber, exatamente, quem e por que estamos odiando.

Há inúmeras sutilezas por trás do processo – algumas como fruto da ignorância e da ingenuidade, outras programadas ideologicamente para nos transformar em rebanho que vai consolidar a “revolução das massas” via luta de classes.

Como tudo vai passando de pai para filho o ódio também foi crescendo lenta e gradualmente. Nasceu, cresceu e se espalhou pela cantilena que abarca de imberbes a barbados senis, de teólogos à ateus, de professor a dirigente sindical, de letrado à analfabeto, de rico a pobretão: que sabe faz a hora. É fenômeno internacional...

Aqui no Brasil tivemos a colaboração de fertilizante eficiente para o crescimento rápido do ódio: nossa divisão entre os de esquerda e os de direita. Importamos isso sem avaliar o que realmente existe por trás.

Outra sutileza é que ao rotular de esquerda ou de direita estávamos separando – como que aparta integrantes de manada – os bons dos maus. Como isso foi fácil. O cara bom era de esquerda, o cara mau, era de direita. Bom é o pobre, ruim é o rico!

Minha geração, por causa da ditadura, esteve no olho do furacão nesse aspecto. Não poderia ser diferente. Os regimes de exceção, sem exceção, são useiros e vezeiros no uso da cizânia para governar. Ditadura não subsiste sem inimigo poderoso.

Com a redemocratização era lícito esperar renovação de métodos para criar ambiente de concórdia, mas tal não ocorreu. Por incrível que pareça o ambiente democrático aguçou a dicotomia entre os que estão com o bem e aqueles que persistem em seguir o mal.

Nesse aspecto não faltam maus a serem odiados, eliminados: banqueiros, multinacionais, burgueses, americanos, capitalistas, latifundiários, reacionários, exploradores do povo. Os bons se aglutinariam com os trabalhadores e formariam a classe genuinamente revolucionária para derrotar essa canalha.

É tudo tão simples que temos exemplo emblemático: o cara que enrolava papel velho nos pés para esquentá-los enquanto entregava leite nas manhãs geladas de inverno hoje virou o coxinha a ser odiado? Ele se tornou um cidadão de classe média e por isso merece todo o ódio, inclusive de intelectuais como a Marilena Chauí.

A utopia é assim: ao mesmo tempo em que serve para dar sentido à nossa vida tem essa força de nos colocar como garotos escravos do nada para odiar tudo aquilo que não entendemos. E mais: faz quem mais propaga o ódio reclamar contra o ódio!



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

“Onde toda a gente peca ninguém faz penitência”

Um – Pelo que lembro a curtição da maconha inicia no anos 60. O prafentex testa a cannabis sativa para contestar o sistema, embora o do front contra a ditadura curtisse a novidade: “é uma brasa, mora?” Houve blague entre gaudérios: não troco pela *illex paraguariensis*. Muitos dos que experimentam maconha em 60 chegam aos altos postos de mando do País e talvez por isso vivemos como se as principais autoridades, as maiores lideranças, os caras de projeção estivessem dopados.

Dois – Alguém tem noção do que fazer com a delação do diretor da Andrade Gutierrez de que a empreiteira subornou o Tribunal de Contas do Estado de São Paulo. O tribunal interior! O tribunal inteiro? Para não amolarem a empresa os conselheiros do TCE-SP dividiam propina? Se alegarem que estavam dopados podem se safar?

Três – Por qual razão o Supremo Tribunal Federal (STF) não consegue condenar um graúdo? Por que cérebros privilegiados no campo jurídico, no mundo da lei, no território da justiça têm dificuldade em botar poderoso na cadeia. Efeito da maconha? Vocês acham esses ministros que teimam em se comportar com ética do tamanho de um pigmeu terão força moral para cassar a chapa Dilma-Temer? Será que meu professor de direito estava certo ou seja “a justiça é cega mas não surda ao tilintar das moedas”?

Quatro – Dirigentes graúdos de PT, PP, PDT, PMDB, DEM, PSDB, PROS, Solidariedade et caterva pegando dinheiro grosso para malandrags até pode remeter ao efeito da cannabis. Mas como explicar que camaradas comunistas dirigentes do PCdoB, com toda empáfia que os caracteriza, também fossem beijar a mão de burgueses donos das empreiteiras em busca de grana. Em que lugar do mundo comunista é sustentado por burguês que jura querer acabar? Aff, meus saís!

Cinco – A Venezuela é ditadura (falida como todas que a esquerda redentora governou), mas é de bom tom o novo chanceler, senador Aloysio Nunes Ferreira, dizer isso com todas as letras? Segue, em bobagem, o antigo, José Serra, que havia criticado Donald Trump. Em matéria de política externa (parceiros de “alto potencial econômico” foram Cuba, Venezuela, Argentina, Irã na era Lula/Dilma) não há alguém tão incompetente quanto o Brasil.

Seis – O PSDB foi à justiça para anular a chapa Dilma-Temer por corrupção e abuso de poder econômico na última eleição presidencial. E, mesmo com isso, Temer dá ministérios para o pessoal do PSDB? Tem que ter maconha no meio, não é possível...

Sete – Para marcar o Dia da Mulher a senadora Gleisi Hoffman (PT), fez apitação no Senado e sugeriu greve de sexo. Diretórios acadêmicos de 1960 tinham mais postura em assembleias, mesmo que uns estivessem com a cannabis circulando pelo sangue.

Oito – Cresceu, a sensação de que Lula e Bolsonaro farão o segundo turno da próxima eleição presidencial. Quer dizer: estamos todos afundados na cannabis?

Nove – “Onde toda a gente peca, ninguém faz penitência” é provérbio português que, por razões óbvias, é de uma atualidade cruel entre nós nestes tempos malucos.

Jornalista, membro da Academia Passo-fundense de Letras.



GRUPO
DIÁRIO DA MANHÃ

Jornalista Túlio Fontoura

PRESIDENTE

Dyógenes Auido Martins Pinto

Vinícius Martins Pinto



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

A menina gostava do Diabo

Num apartamento da Avenida Presidente Getúlio Vargas, em Porto Alegre, no início dos anos de 1980, num domingo frio e chuvoso, uma avó e uma tia da Capital conversam animadamente com a neta/sobrinha de cinco/seis anos, de Passo Fundo. Era dia perfeito para essas maravilhosas conversas em família que permitem colocar os assuntos em dia entre os que se encontram de quando em quando por causa da distância.

Estimulada a contar novidades de sua vida no interior a menina Janaina desanda a falar como metralhadora. Ela tinha novidades. Avó e tia ouvem tudo com muita atenção inclusive porque aquela manhã caseira seria longa por levantarem mais cedo e por causa da chuva e do frio que impediram a ida da família à missa dominical na Igreja do Bairro Menino Deus.

A menina tinha assuntos até por ter passado alguns dias das férias de verão acampada com a família as margens da barragem do Capingui – dependência do Clube Náutico Capingui, pequena pérola do lazer passo-fundense – onde também conseguira fisgar e puxar seu primeiro lambari, algo que a deixara eufórica.

Tudo corria às mil maravilhas nesse papo do café da manhã caprichado para receber a ilustre visita até a menina jogar uma bomba no ambiente:

- Vovó, outra coisa boa lá no Capingui é brincar com o Diabo...

Católica, apostólica, romana avó Adolfin, mulher de fé descendente de italianos e testada nas durezas da vida quase se afoga com o café ao ouvir o que para ela é um tremendo disparate, algo insano, ainda mais partindo da menina que é sua neta. Até a tia Iodete meio que perde o rebolado com a maluquice. Difícil descrever o clima instalado.

- Meu Deus do céu, menina o que você está falando!? O que será que meu filho anda ensino para minha neta?

- É sim, vovó, é muito legal brincar com o Diabo.

- Você não pode dizer isso, você não pode e não deve gostar do diabo, tem que gostar de Jesus, diz a vovó perplexa com as veias do pescoço assumindo volume incrível dando a impressão de que ela iria ter um treco.

- Vovó todas as crianças gostam do Diabo lá no Capingui. Não sou só eu. Ele é muito querido, o Diabo sempre está brincando com as crianças, insistiu a neta/sobrinha para desespero da avó e da tia.

- Não acredito no que estou ouvindo, insistiu a avó...

- Mãe, intervém Iodete, talvez o pai dela tenha falado essas coisas para que a Janaina não tenha tanto medo do diabo como foi nosso caso quando crianças.

O bizarro mal estar que se instalara no café da manhã daquele domingo frio e chuvoso só foi dissipado quando a mãe Mara levanta e explica que Diabo era o apelido de Celso Scortegagna, um cara legal que tinha habilidade extraordinária para lidar com crianças que passavam parte do verão acampadas às margens da barragem do Capingui.

Dono de carisma fora do comum no trato com os pequenos Celso Scortegagna se movia por entre árvores, barracas de demais dependências do Clube sempre seguido por um grupo de meninos e meninas que o admiravam. A meninada o adorava e obedeciam de tal maneira a voz de comando do Diabo que alguns pais chegavam a espantar.

Hoje, só temos a dizer: descanse em Paz, amigo Diabo!



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Qual é a cara do Brasil do FHC, do Lula e da Dilma?

Quando se trata de avaliar do Brasil redemocratizado costumo deixar de fora o período do José Sarney (ascende pela morte de Tancredo Neves) e Collor de Melo por serem da velha direita: deles nada se esperava. Já Itamar Franco, merece aplausos pelo Plano Real que aprumou a economia.

Assim, sobram para análise 22 anos dos governos tidos como de esquerda: FHC, Lula e Dilma. E intriga não existir nada sério escrito pela intelectualidade para avaliar o Brasil de hoje a partir de duas décadas dos homens e da mulher que "tinham vontade política" para nos colocar no "País de todas as maravilhas".

A postura da esquerda tupiniquim remente à simbologia dos três macaquinhos surdos, mudos e cegos; trata-nos como a direita nos tratou, ou seja, como babacas. Ela só governou com o olho na urna: quem recorda de algum projeto de Estado do período?

A lista de aberrações é tão grande que o cérebro – do mesmo modo que não processa a grandeza do trilhão de anos luz – acha tudo normal, nada surpreende. Que democracia pode funcionar com 35 partidos políticos sem cláusula de barreira? Que país tem TODAS as cúpulas de partidos que estiveram no governo investigadas pela polícia? Em que lugar do mundo o caixa do partido comunista é alimentado por capitalistas?

Ficamos pasmos pela guerra na Síria fazer 400 mil mortos em seis anos e nem ligamos que no mesmo período – sob Lula e Dilma – mais de 300 mil brasileiros foram assassinados e 300 mil foram mortos no trânsito. Nosso sangue não verte lágrimas! O Brasil dos governos de esquerda arquivou 80% das investigações de homicídios e nossas prisões são masmorras medievais que deixariam o rei Henrique VIII encabulado. Até parece que aqui temos licença para matar. Fica por isso mesmo?

Indago aos meus botões: como os caras das torcidas organizadas, por exemplo, mantem postura correta no estádio se o Procurador Geral da República e um ministro do Supremo Tribunal Federal ficam batendo boca como colegas no recreio?

Em matéria de vergonhoso e inaceitável desperdício de dinheiro público o gasto para a Copa de 2014, projetada como grande jogada de marketing da esquerda da "boa de vontade" diz tudo: prevista para abocanhar 15 bilhões ela engoliu quase 120 bilhões de reais em elefantes brancos, obras inacabadas e roubalheiras. Quem responde quantos milhões de dólares queimamos ao perdoar dívidas de ditadores e quanto o BNDES deu para governos corruptos como o cubano e o venezuelano. Ficará por isso mesmo?

Após duas décadas de governos de férrea "vontade política" vemos aumentar o analfabetismo funcional entre universitários, o ensino básico namora o caos, pessoas morrem na fila do SUS à espera de simples consulta. Num ranking de 65 países o jovem brasileiro é o que menos lê. No Brasil da Lei Rouanet de frágil estrutura cultural a turma (FHC, Lula e Dilma) foi generosa dando milhões para quem não precisava: Bethânia (2), Cláudia Leite (6), Chico Buarque (4,4). Ficará por isso mesmo?

Quem se lembra de esquema de corrupção tão eficiente como o nosso?

Tais governos, os que mais arrecadam no mundo não devolvem nossa grana em serviços; com cara de pau, tiram 5 dos nossos 12 salários anuais em impostos sobre consumo, patrimônio e renda e dizem que estão a nosso serviço embora nos neguem ensino básico de qualidade, esquema de saúde decente, estrutura de segurança civilizada, estradas, portos e aeroportos confiáveis?

É ou não é de trincar a orelha? E seus asseclas ainda estranham quando algum desavisado diz ter saudade a ditadura...

Jornalista, membro da Academia Passo-fundense de Letras.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Deputado Jean Wyllys e os benfeitores dos gaúchos

Não poucos estranharam a entrega da Medalha do Mérito Farroupilha, maior distinção da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul ao deputado federal Jean Wyllys, do PSOL do Rio de Janeiro, por iniciativa da deputada Manuela D'Ávila, do PCdoB. Não poucos disseram que agora é tarde, seria deselegante contestar o ato.

Afinal, ainda indagam vozes tonitruantes, quais os relevantes serviços prestados ao nosso amado Estado pelo parlamentar carioca? Alegaram que o cidadão em pauta ajuda o Rio Grande como deputado federal que se preocupa com todo o Brasil. Se ajuda o Brasil logicamente está ajudando o Rio Grande. Realmente, é uma tese interessante. O cara, lá em Brasília, tem mandato federal e assim ajuda todo o país, inclusive os guapos da parte mais Meridional. Então tá certo, disse um gaudério, mas não cometemos injustiça com os outros 512 eleitos do povo que trabalham na capital da República e não vão receber a comenda? Algo parece claro: ele não tem culpa pela crise que nos assola!

Nada de estranho na controvérsia. Os gaúchos são assim mesmo, aqui a palavra unanimidade foi abolida do dicionário tem muito tempo, era previsto tal discrepância.

Conheço pouca coisa, quase nada, do nosso homenageado e assim posso estar mal informado sobre sua ação benéfica para os gaudérios. Uma coisa que recordo é a cusparada que o nobre deputado Jean Wyllys disparou, em plenário, na direção do seu nobre colega Jair Bolsonaro na votação do impeachment da presidente Dilma. Por causa da cusparada tem quem diga que ele não merecia a medalha. Quem sou eu para julgar uma simples cusparada? Cada um briga com as armas que tem, é ou não?

Aos apressados é de bom tom lembrar que esse Bolsonaro é de direita e a direita, pelos valores em voga, se faz merecedora das cusparadas da esquerda. Ou não? É uma tese! Foi cusparada, não foi bofetão, não foi facada, apenas cusparada e isso não pode empanar toda a obra concretizada pelo ilustre parlamentar ao Rio Grande do Sul e, por decorrência, a todo o Brasil. Ou vice-versa, já não tenho lá tanta certeza. O que é decoro parlamentar de um cara de esquerda diante do decoro de um cara de direita?

Outra coisa é a memória curta do gaúcho que não tem sabido prestar as devidas homenagens aos seus grandes benfeitores, homens e mulheres que fazem nossa história mais brilhante. Como é o caso, por exemplo, de Roberval Taylor Nepomuceno Xavier, agrônomo que estudou os coliformes desfocais em nossos solos distróficos arenosos e a praga roxa em pastagens de verão. É o caso, ainda, do veterinário Ressentauro Macedo Rosbife de Magalhães e seu estudo sobre a adaptação das patas de cavalos da Andaluzia em solos de clima temperado. Tem também a professora Mariana Bidente Scontiel da Silveira que teve atuação destacada na alfabetização da petizada nas quebradas do Inhanduí; tem o desembargador Godofredo Malaquias Neverland da Amácias e seus estudos a respeito das aplicação do conceito de sesmarias do Caparaó na Metade Sul do Estado. Ah, sim, tem o químico Rodrigues da Alquimia Bolivariana dos Santos que estudou sobre a importância do salitre do Chile na fabricação do salame colonial.

É, realmente grande a lista de nomes de gente de imenso valor que, como Jean Wyllys, prestou relevante serviço ao Rio Grande e que até agora está no limbo e chegou a hora de homenageá-los. É ou não é?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Corrupção, prostituição e traição de parte da nossa esquerda

O que cúpulas diretivas e algumas figuras exponenciais dos grandes partidos (PT, PP, PMDB, PSDB, DEM, PDT) e alguns caciques dos partidos menores (PSB, PV, PCdoB, PPS, PSC, Solidariedade, PSD, PTC, PTB, PTN, PSOL, PR) fizeram no campo da corrupção estarrece. E agora pode ser bela lição de vida ouvir as pessoas (perplexas, atônitas, iradas, desanimadas, angustiadas) diante da famosa Lista da Odebrecht. Mais: definitivamente José Ribamar Ferreira de Araújo Costa, o José do Sir Ney, fez escola (o discípulo mais brilhante, sem dúvida, é Luiz Propina Lula da Silva) na política nacional.

Outra coisa: propensão para cometer erros, produzir mal feitos é inerente ao ser humano. Os intelectuais que defendem o propinoduto montado por Lula têm razão ao alegar que a corrupção veio com Pedro Álvares Cabral; mas era necessário aperfeiçoar a roubalheira? Entre nós os escândalos na área política ganham as cores do horror porque o noticiário sobre eles é seguido pelas notas do cotidiano envolvendo falcatuas do leite à carne, de próteses a exames médicos frios, do contrabando à agiotagem, do gelo no frango ao remédio vencido.

Mais uma: na República Federativa da Odebrecht (a Veja que perdoe, escrevi antes de recebê-la) não havia as tais de odiosas discriminações, ou seja, em suas tetas se abasteciam de leite gordo tanto os expoentes da direita quanto os expoentes da esquerda. E para não deixar dúvidas até índio – quem não queria apitos, nem espelhos – tinha mesada certinha todo santo mês. Afinal, somos todos feitos do mesmo barro.

Tem mais outra: se pegarem a lista dos filiados de qualquer dos partidos citados, se constata que a grande maioria é constituída de pessoas decentes, mas sem voz nacional.

Então, no quesito corrupção, o futuro pode ser beneficiado pelas ações positivas do presente tipo Operação Lava-Jato. A dor de hoje pode ser alegria de amanhã. Minha geração, por exemplo, tinha como máxima que cadeia era para ladrão de galinha, gente rica de colarinho branco ali não entrava. A geração atual vai se criar – penso que isso criará raízes – que cadeia é para todos, que a lei é para todos. Então alvíssaras!

Agora, o que faz levitar, no contexto do Reinado da Odebrecht, é a prostituição que tisa a ação de parte da esquerda. No dicionário é difícil achar palavra que defina o fato do caixa de campanha (2 ou não, tanto faz) de partidos de esquerda, comunista, socialista ser abastecido por capitalista selvagem. O que leva o cara que se diz de esquerda e odeia capitalista se ajoelhar e beijar a mão do capitalista por grana e fazer o jogo dele nas entranhas do poder? Isso é pragmatismo? Faz em nome da utopia?

Bem, enquanto o comitê central se reúne para discutir o tema, enquanto a ordem a ser obedecida cegamente pelo centralismo democrático não vem, a plebe e os que não tão plebe assim define isso como prostituição política. Sim, simplesmente, parte da esquerda nacional se prostituiu ao tilintar das moedas.

Por ultimo: não passa de traidor quem se tornou subserviente às empreiteiras, esquecendo os que foram presos, torturados, exilados ou ficaram pelo caminho nos anos de chumbo; além disso, violaram o sonho e estupraram a utopia.

Jornalista, membro da Academia Passo-fundense de Letras.



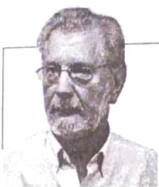
GRUPO
DIÁRIO DA MANHÃ

Jornalista Túlio Fontoura (1

PRESIDENTE

Dyógenes Auldo Martins Pinto (1

Vinícius Martins Pinto (1



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Somos selvagens: preferimos o confronto, odiamos o consenso

Definitivamente, a espécie humana é o animal mais selvagem da terra. Quem dúvida? E os animais peçonhentos (cobras, perdoem a comparação) malandramente dividiram seus iguais em bons e maus para dominar mentes e territórios. Eis a síntese que engoliu a dialética: de um lado os bons, os escolhidos, os ungidos, os preferidos, no outro lado os maus, os inféis, os pervertidos, os devassos, os imorais, os inféis.

A caminhada da espécie se dá nessa perspectiva: separando os bons dos maus. É simples, não precisa esforço, só pitada de inveja, ou soberba, ou mágoa, ou ignorância e pronto: um é bom, outro é mau. Iniciou nas cavernas e permanece cada vez mais forte em 2107 (olhem as redes sociais), pois, ao que consta, está em nosso DNA.

Algumas coisas dão a impressão de estarem regendo nosso DNA. Um exemplo? Torá, Bíblia e Alcorão – escritos sagrados das religiões abraâmicas que arrastam bilhões de seres – têm contradições assombrosas quando se trata dessa seara. Pregam amor e solidariedade, mas também ódio, intolerância, guerra, extermínio.

Pelo jeito que anda este mundão de Deus não poucos têm escolhido o ódio.

O Corão fala dos inféis (maus?): “Matai-os onde quer se os encontréis e expulsai-os de onde vos expulsaram, porque a perseguição é mais grave do que o homicídio. Não os combatais nas cercanias da Mesquita Sagrada, a menos que vos ataquem. Mas, se ali vos combaterem, matai-os. Tal será o castigo aos incrédulos” (Sura 2, capítulo.191).

A Bíblia, em Lucas, 19: 26,27 registra a fala de Jesus: “Pois eu vos digo que a qualquer que tiver ser-lhe-á dado, mas ao que não tiver, até o que tem lhe será tirado. E quanto àqueles meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui, e matai-os diante de mim”.

E os índios, tidos como os puros? Ou seja, os bons selvagens? O caso típico dos maias do Mexido diz tudo. Para a indiada da pátria do sombrero, ritos com sacrifícios de vidas humanas (até crianças) eram imprescindíveis para garantir o “funcionamento do universo, os acontecimentos do tempo, a passagem das estações, o crescimento do milho e a vida dos humanos. Os sacrifícios eram necessários para assegurar a existência dos deuses, repondo seu consumo periódico de bioenergia”.

O credo comunista segue em pleno Século XX no mesmo tom com ferocidade avassaladora pela voz de seu guru, o Karl Marx: “a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes”. Por baixo essa religião comunista (incrível como possui dogmas!) dizimou 100 milhões de seres humanos maus que habitavam diferentes territórios do Planeta.

Perfeitamente natural, nesse contesto, que ninguém desse ouvidos ao americano tolo. Richard Rorty que, ao avaliar o mundo velho sem porteira indagou: “que tipo de mundo podemos pensar para os nossos bisnetos?” Tida como ingênua ele deu resposta que, pela sua simplicidade, assumiu contornos aterradores: “Se podemos contar uns com os outros, não precisamos depender de mais anda”.

Claro que não podemos contar uns com os outros, que graça teria um mundo de paz, de tolerância com as diferenças? Com a gente será no pau ferro enquanto nosso discurso continuar apartando os bons dos maus. Às vezes fica tudo confuso, como na Síria de hoje, ou Brasil de hoje, mas quem se importa, mesmo? Às vezes a gente acaba temerosa de se aproximar dos “bons”!

E às vezes nos perguntamos como explicar, com tudo isso, que existam bolsões de gente vivendo de forma civilizada? Bem, é isso que nos dá um pouco de esperança enquanto, aparvalhados, vemos gente explodindo gente em nome de Deus, em nome de ideologias e o diabo esfregando as mãos de faceiro...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Saramago: "A esquerda não tem nem uma puta ideia do mundo em que vive"

Ganhador do Nobel de Literatura, o português José Saramago era militante de carteirinha do Partido Comunista. O francês Jean Paul Sartre também, o colombiano Gabriel Garcia Márquez idem; assim como Jorge Amado e Oscar Niemayer. O estranho é todos viveram em democracias (burguesas, claro), com direito a livre expressão e serem o que realmente quisessem.

Já o polonês Czeslaw Milosz, também ganhador do Nobel de literatura teve que fugir do comunismo para ter direito de se expressar livremente e esteve preocupado com "a vulnerabilidade do pensamento intelectual do século 20 à sedução pelas doutrinas sociopolíticas e sua presteza em aceitar o terror totalitário pela proteção de um futuro hipotético." Traduzindo Milosz: "intelectual adora ditadura para os outros".

Então não é de estranhar que parte da intelectualidade fique seduzida pelo comunismo, pelo socialismo, pela esquerda. Até porque nestas bandas seguem só cópia as tolices feitas pelos europeus: fascismo, nazismo, comunismo. É cômodo, não precisa nada além de vociferar, vociferar muito passando atestado de um ser humano dotado de grandes virtudes lutando contra os maus!

Repito a esquerda adora ditadura para os outros: pimenta nos olhos dos outros...

Lembrei Saramago pela definição que ouvi sobre a China atual: País onde vigora o comunismo de mercado. A esquerda é criativa! Após matar 70 milhões de chineses a esquerda chinesa faz o comunismo de mercado? Stálin & Cia. eliminam 25 milhões de homens e mulheres e hoje Putin comanda economia comunista de mercado? Cruzes!

Juntei tudo, ainda, por causa de declaração Saramago à imprensa americana: "a esquerda não tem nem uma puta ideia do mundo em que vive". Ao que consta ele ficou prostituto do semblante porque ninguém reagiu a tal assertiva. Antes de morrer o escritor andava fazendo provocações como essas e, por falta de contestações fez a pergunta que não obteve resposta: "onde está a esquerda?"

Sim, boa pergunta: onde está a esquerda? Quem responde a Saramago?

Vejam, como 2017 marca cem anos da tragédia comunista no mundo é mais do que oportuno seguir a dica de Saramago para indagações consistentes. O que governos de esquerda produziram, além de sofrimento e dor, durante esse século? Qual seu legado! E, claro, indagar, como o mestre fez: "onde está a esquerda?"

Até porque, nos anos de 1940, Pedro Pomar, um fundador do Partido Comunista do Brasil disse algo que passa o tempo sem contestação: "nosso partido surge na vida de nossa Pátria como a expressão das forças mais jovens da liberdade e da cultura e para as quais dirigem-se a ciência, a literatura e a arte de vanguarda, no constante combate que trava para o progresso e o aperfeiçoamento da civilização". Quem resiste tal mensagem?

Outro expoente disse: "O papel central desempenhado pelos comunistas na luta contra o nazi-fascismo no Brasil e no mundo atraiu a simpatia de parcelas significativas da intelectualidade brasileira. O prestígio da URSS e de Luís Carlos Prestes (Cavaleiro da Esperança) estava no seu auge. Artistas e intelectuais acorreram em massa ao Partido que representava as aspirações mais avançadas da humanidade".

Num contexto desses beira a covardia deixar de avaliar o legado de cem anos de governos comunistas no Planeta! É obrigação moral, pois os jovens ainda comprem gato por lebre, inclusive em Passo Fundo.

Mas voltando a Saramago: onde está a esquerda? Esteve homenageando os 100 anos da revolução russa nos últimos protestos que tentaram parar o Brasil?

Complicado? Nem tanto, pois Rússia e China viraram capitalistas, Cuba segue o mesmo rumo; Coréia do Norte mantém ditadura de famélicos, Venezuela diz que papel higiênico é luxo burguês. No Brasil envolvida no mensalão e na Lava-Jato (afinal a direita sempre roubou) a esquerda desempregou mais de 13 milhões de pessoas. Em Angola, na Albânia, no Camboja o que a esquerda fez e onde está?

O debate pode ser interessante pois, contrariando Saramago, a esquerda pode sim ter uma puta ideia do mundo em que vive. Afinal, parte do mundo de agora foi ela quem construiu.

Jornalista, membro da Academia Passo-fundense de Letras.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Turma do Lula copia turma do Adhemar: rouba, mas faz

Diz a lenda que o velho Karl Marx teria afirmado que a história se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa. Até aí morreu Neves e morreu Nelson Rodrigues, com o que vamos em frente que atrás vem gente, pois não vamos ficar sabendo com certeza sobre o primeiro morto.

Diante dessa relevante questão, "a história se repete" é de se perguntar: o que a turma do Lula faz agora copiando o estilo da turma de Adhemar de Barros é farsa ou é tragédia? Aqui não dá para brincar e cremos ser interessante buscar uma resposta.

Segundo várias fontes esse bordão "rouba, mas faz" entrou para o folclore político brasileiro na década de 1950 do século passado. Os cabos eleitorais do político paulista Adhemar de Barros (1901-1969) o repetiam para neutralizar os adversários, que o acusavam de ser ladrão. Sacara que coisa mais mimosa? Em vez de negar as acusações, os adhemaristas afirmavam que Adhemar eram um fazedor, que construía isso e mais aquilo. Se roubava? Ora, isso era o de menos. O argumento era esdrúxulo, mas funcionava com uma boa parte do eleitorado, que também não ligava para aquele "detalhe" de roubar.

É exatamente essa coisa mimosa que os cabos eleitorais do seu Luís Inácio Lula da Silva fazem hoje. Professores, sociólogos, antropólogos, historiadores, jornalistas, militantes, gente que tem força para influenciar a opinião pública faz exatamente isso: criticam a Justiça, os juízes, a Polícia Federal e falam das obras desse que se tornou o maior corrupto da história moderna do País. É ou não é de total candura tudo isso?

É incrível como a "esquerda" dos anos de 2000 consegue manipular a opinião pública como a "direita" dos anos de 1950 conseguia fazer. Sim, Adhemar roubava, dizia sua turma, mas é um político que faz e a roubalheira é apenas um detalhe. Sim Lula rouba, mas faz, e a roubalheira é somente um pequeno detalhe.

O velho Ademar teria roubado tanto que num de seus cofres havia algo como 2,4 milhões de dólares. Pode? E essa grana, mais tarde, foi roubada, sendo que parte foi abastecer a luta armada que se formou para derrubar a ditadura brasileira e em seu lugar colocar outra ditadura. Claro que esse fato do roubo acabou ficando por isso mesmo, pois ladrão que rouba de ladrão tem cem anos de perdão, não é assim?

Outra coisa, perto dos números da corrupção de hoje as falcatruas do velho Adhemar de Barros ainda vão ser consideradas coisa de aprendiz de feiticeiro embora em sua época ele tenha sido tísido, por seus opositores, como um dos maiores gatunos da política nacional!

Notaram como as coisas vão se tornando dolorosamente imbricadas? Fiquem brincado dessas coisinhas de "esquerda" e "direita" esperando que a vaca tussa.

Enfim, dá para divagar um eito nisso tudo, mas essa da turma do Lula copiar a turma do Adhemar é de trincar a orelha e de deixar o pavão com cara de urubu...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Lula, Stálin, Fidel, Maduro, Cristina, servos do dinheiro?

O mito de que líderes e profetas da esquerda – lulistas, comunistas, socialistas, bolivarianos, peronistas – se movem em benefício do povo ainda é grande. Seriam os caras do bem que lutam contra os malvados que programam o sofrimento das massas.

Quando era garoto acreditei nisso! Eu e a minha turma tínhamos certeza que havia homens e mulheres feitos com outro barro e que realmente desejavam o bem-estar dos pobres e para tal objetivo dariam a própria vida.

Como era bonito alimentar esse mito, a gente se sentia importante achando contribuir para que os líderes do bem pudessem cumprir a missão com mais rapidez.

Bonito se não fosse terrível engodo. Com o passar do tempo descobrimos que o discurso em favor do pobre é a forma mais eficiente de fazer fortuna rapidamente. Impressionante como esses caras fizeram estrondosas fortunas roubando o povo que diziam defender.

E o mais estonteante é o fato de ter gente tida como muito culta crendo firmemente nessa baboseira. Aqui mesmo em Passo Fundo têm desses eternos “meninos” que acreditam em bicho-papão. A crença em algo ou em alguém realmente é ferro na boneca, ou seja, ela tanto pode ser energia para alimentar a esperança como fator letal que leva à insanidade.

Muitos desses profetas de esquerda ficaram pelo caminho, mas são riscos inerentes ao “mercado”. Uma coisa é certa: todos os caras que ama o povo com todas as forças de seu bolso ficam ricos da noite para o dia tão logo assumam o poder. É batata, não tem erro, chega ao poder a grana roubada cresce em seus bolsos.

Mesmo sabendo que 25% dos milionários do mundo são do Partido Comunista Chinês, ainda há quem acredite no mito. A vida de luxo e desperdício dos novos dirigentes comunistas chineses – a exemplo do que fazia Mao – chega a encabular os milionários do ocidente. É o mesmo luxo que a família Kim e a nomenclatura da Coreia do Norte curte enquanto a ONU vive socorrendo o povo desse país que padece fome. Enquanto o grande líder Islam Karimov comprava uma mansão de 58 milhões de dólares em Beverly Hills um terço da população do Uzbequistão vive na miséria.

Assim é, não há exceção, o luxo tem poder descomunal.

Stálin se tornou milionário a custa de 25 milhões de mortos e seus seguidores ainda levam flores em seu túmulo; Mao Tse Tung era dono de tudo na China, Fidel Castro acumulou fortuna de milhões de dólares e chegou a comprar vaquinhas diferentes para dar leite aos seus filhinhos; Hugo Chávez se tornou um dos maiores milionários da América do Sul e o Maduro seguiu o exemplo; os Kirchner (Cristina e Néstor) multiplicaram por dez seu patrimônio enquanto lutavam pelo povo argentino nos salões e alcovas da Casa Rosada. Em nosso território o Lula luta para provar que não mamava nas tetas dos burgueses para deixar sua família milionária e agora se sabe a ex-presidente Dilma pagava seu cabeleireiro com dinheiro dos capitalistas decadentes. Pode?

E essa gente toda é defendida por pessoas que, teoricamente, estão entre as mais bem informadas e sábias do mundo: filósofos, professores universitários, sociólogos, antropólogos, jornalistas que, como seus lacaios, amam o povo e sofrem pelo povo.

Jornalista, membro da Academia Passo-fundense de Letras



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Voto em Lula e Dilma/Temer elege Joesley, Marcelo e Eike

Até na hora do voto nos entregam, gato por lebre. E aqui, óbvio, gato com a conotação de quem bota a mão na algibeira alheia. Indagar não ofende: as lebres fogem do conceito popular: "aquele amigo do alheio é muito ligeiro"? Vamos parar por aqui, pois os protetores dos animais ainda nos acusarão de maus tratos.

Mas diga lá, você que acha que viu tudo: como explicar esse fenômeno da gente ir votar de dia em Lula e depois em Dilma/Temer e à noite brotar das urnas eletrônicas governantes poderosos como Joesley Batista, Marcelo Odebrecht, Eike Batista?

Tem razão os que desconfiavam da lisura dessas urnas, definitivamente elas não são confiáveis. Essas modernidades nos enganam com facilidade e nada podemos fazer.

Vivemos um momento em que os ditos populares se confirmam à saciedade. Nós eleitores, por exemplo, ficamos iguaizinhos àquele cara que atirou no que viu e acabou abatendo quem não viu. Tem de tudo e não tem graça alguma.

Entretanto, para os céticos, que duvidavam do mistério da transubstanciação da água em vinho temos agora exemplo cabal dessa possibilidade de uma substância se transformar em outra: neste nosso caso, por exemplo, você brasileiro, votou na esquerda, votou no operário e acabou elegendo a direita, elegendo o patrão. Sacaram a dimensão desse milagre? Tem milagre maior do que esse? Já ficou imaginando o que os dialéticos do amanhã vão escrever sobre estes dias.

Já pensou que desespero, o cidadão de esquerda levanta no domingo da eleição, pega sua bandeira de esquerda e vai para a urna para se vingar de todos os males de que é cometido, entra na cabine indevassável (hoje em dia nem tanto assim) e vota no oprimido e, no dia da vitória, assiste o opressor tomando posse.

Este, talvez, seja um exemplo magnífico de terceirização, é ou não é? Joesley, Marcelo e Eike, sem tempo para deixar de ganhar grana pesada, colocam no poder central em Brasília gente capaz de executar seus projetos sem que tenham que se afastar de suas empresas nem reduzir seu ritmo de produção. Simples: eles lançam um montão de candidatos, claro, gente de todos os partidos que é para não serem acusados de ditadores. Obviamente, com o cuidado de colocar como grande líder operário para não passarem por patrões desalmados. E não é que dá certo!

No futuro, a televisão brasileira vai fazer uma série especial com esses fatos de hoje. Numa reunião para decidir sobre essa série alguém, lá sem muita criatividade, vai sugerir, como nome desse lançamento "Os dias eram assim".

Imediatamente um gaiato, talvez um talento novo na emissora, vai berrar, com toda a razão, contra a falta de originalidade no título da série. E o vivente autor do título, com sorriso debochado nos cantos dos lábios, diz que estão tratando de um tema antigo, antiguíssimo, mais antigo do que vela de sebo e cita o mestre chinês Chuang Tzu, que viveu no século quarto antes de Cristo: "Um pequeno ladrão é colocado na cadeia. Um grande bandido torna-se o governante de uma nação".

Tem mais, as justiça não pode fazer nada contra essa gente! Por quê? Ladrão que rouba de ladrão tem cem anos de perdão.

A mini série "Os dias eram assim" faz sucesso, afinal, a história se repete, se repete, se repete...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Luciano Huck, presidente?

Nobres e destacados representantes da classe política esbravejam, com pulmões inflados, contra o que acreditam ser o absurdo dos absurdos nestes lúgubres, complexos, assustadores tempos: a possível candidatura de Luciano Huck a presidente da República em 2018. Ele nega!

Pode? Poder, pode, a questão é outra: deve?

Esse apresentador de TV que domina as tardes de sábado na Rede Globo esteve num evento nos Estados Unidos com um montão de figuras públicas da vida nacional para falar do Brasil de hoje a estudantes universitários. Na terra do Tio Sam – as ayes de mau agouro que perdoem, mas esse é pode ser um péssimo sinal – brotou a novidade.

Nesse evento uma frase do moço (já disse que o acidente de avião com a família mudou toda sua vida) arrancou demorados aplausos e é interpretada como sinal verde, espécie de pré-lançamento de seu nome à presidência: “é hora de minha geração ocupar os espaços de poder”.

Sacaram essa?

O moço – ingênua, sincera, atilada ou espertamente? – foi de uma obviedade tumular, ou seja, é claro que chegou a hora da geração dele ocupar os espaços de poder no País. Já não é sem tempo! Qual a novidade nessa sentença? Talvez o autor!

Quem comanda o Brasil neste momento é a geração dos anos de 1960 cuja cabeça foi formada na cultura da superestrutura dos anos de 1930. O que tem de Getúlio Vargas na mente desses jovens não está no gíbi. Pois essa geração que fez bonito na luta contra a ditadura militar, com erros e acertos trouxe a democracia de volta foi a mesma que, ao chegar ao Poder Central, colocou tudo a perder ao enveredar pelo caminho da corrupção. Da incompetência também.

Fruto da guerra fria que pervertia os conceitos de bem comum, contaminada por utopias que só embalavam a esperança em meio ao um caos que exigia apenas alguma coragem, culturalmente presa a uma sociedade agrária que temia a industrialização, a geração que assumiu os destinos da Pátria decepcionou redondamente. Excesso de Sierra Maestra, demasiado de Revolução Cultural, de kholkozes, muito centralismo democrático, excessiva fé em salvadores da pátria, muita asneira travestida de neoliberalismo e vícios burgueses deram contribuição para o fracasso de uma geração que teve tudo a seu favor para iniciar a construção de um novo Brasil.

Num quadro desolador em que aparecem como candidatos os de sempre, gente que, reiteradamente está envolvida em corrupção ou que apenas apresentam um discurso palatável a eleitorado massacrado pela democracia de mentirinha como Lula, Bolsonaro, Marina Silva, Ciro Gomes, Aécio, Serra por que cargas d'água Luciano Huck não pode ser candidato a presidente?

Entre as respostas há uma de conotação emblemática: o moço seria pau mandado da Globo. Não poderia ser presidente do Brasil porque a família Marinho iria, através dele, nos governar (como se precisasse disso). Então tá? Abaixo Luciano Hulk, abaixo a Rede Globo.

É pena, pois Angélica, seria uma Primeira Dama fora de série que faria história.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

A gurizada necessita de uma nova utopia?

Aparentemente é regra universal: adultos têm dificuldade em se relacionar com aqueles que os sucederão. Natureza, vida, homem, sociedade é movimento, eterno movimento. O professor de latim do antigo ginásio (antigamente tinha esta disciplina) definiu como *perpetuum mobili*. Num ritmo alucinante o novo fica velho no minuto seguinte, com o que, nós, os caras da melhor idade (?) queremos conservar, custe o que custar e a gurizada medonha quer mudar, custe o que custar.

Nesse contexto o que alguns tenebrosos chamam de choque de gerações integra o *perpetuum mobili*. Hoje, como jovem, o cara esbraveja “fora”, amanhã, como idoso, grita “fica”. Pura caretice sacana? Nem tanto! Quem mediu o impacto de no dia a dia da humanidade um invento aparentemente chinfrim quanto a ferradura para o cavalo? Então não debochem do *perpetuum mobili*.

Ocorre que para levas de jovens o local, ou seja, “o lugar” em que se encontram em dado momento histórico se apresenta desconfortável, até assustador. Sem saber aonde ir ou fazer, cercado de limitações, eles buscam outro lugar, na prática, na real o “não lugar”. Eis o sonhado refúgio mágico: a utopia.

Sócrates (400 a.C.) já se preocupava com a gurizada. O filósofo grego perdia o sono com isso: “nossos adolescentes atuais parecem amar o luxo. Têm maus modos e desprezam a autoridade. São desrespeitosos com os adultos e passam o tempo vagando nas praças (...) comem com voracidade e tiranizam seus mestres”. Putzgrila, isso não desmente o *perpetuum mobili*?

Dando baita salto histórico indaga-se: qual a matriz do jovem que formaria uma das turmas de coroas mais celebradas da Europa do Século 18 e cujo período ficou conhecido como iluminismo?

Os hippies assustaram o império americano nos anos de 1960 na base do peace and love: estavam com medo da bomba do juízo final. A utopia era um mundo sem essa bomba. Adiante seus descendentes botaram os Estados Unidos de cabeça para baixo e se tornaram yuppies convalidando a tese da bomba. Um biorritmo desses ensandece e a gurizada rica da França, nessa época, arranca paralelepípedos em Paris por causa do tédio. Em contradição que nem Freud explica os horrores dos governos comunistas – especialmente da URSS e China – viram utopia da pequena burguesia do capitalismo central e periférico.

Nessa década, entre os brasileiros, alguns (os que ingressavam na universidade) curtiam a cannabis sativa (paz e amor, “bixo”), outros que passaram a se rotular ou foram rotulados de esquerda, chutaram a ditadura e tentaram a revolução socialista (um grupo tenta as duas e até as três coisas ao mesmo tempo), uns contestaram estes e muitos foram cuidar da própria vida porque a economia andavam os trancos e o Brasil deixava de ser uma sociedade agrária para se urbanizar com estonteante rapidez.

Nesse quadro, qual a utopia para os jovens brasileiros de hoje? Vamos combinar e reconhecer que a coisa ficou mais estarrecedora e basicamente eles têm as mesmas angustias dos que irritavam Sócrates. Como contrapeso esse jovem brasileiro vive na realidade de um país que está entre os mais violentos, inseguros e corruptos da atualidade. Caraca, que sacanagem FHC, Lula, Dilma e Temer fizeram com os jovens de agora! Ou, mais explicitamente, que puta sacanagem fez a esquerda com sua própria utopia. Com uma esquerda dessa nem se precisa de direita. Será que o jovem de hoje – inclusive o que está na universidade – vai também comprar gato por lebre?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Os dias têm que ser assim?

Nossos dias precisam ser assim?

Vamos combinar, os dias que são assim não deveriam ser assim!

Não passamos tudo o que passamos para isso!

Damos de barato, outras ditaduras foram muito mais cruéis, mas daqui mesmo de Passo Fundo teve gente presa, torturada, exilada, censurada, negócios prejudicado e até gente desapareceu assim sem mais nem menos em busca de mudança e avançamos. Calma, nem pretendo discutir a questão neste instante, bem ou mal houve a anistia, mas digam lá, tudo o que ocorreu foi para instalar essa infundável mixórdia?

A questão não é só olhar para trás e aprender com a história. É debater sobre o hoje, o que ocorre com esse trem desgovernado. É o drama está em não haver clareza quanto ao futuro imediato. Todo bendito dia tem novidade deprimente, quem suporta sem ter a sanidade ameaçada?

Perguntarei mil vezes, até achar resposta minimamente adequada: como, a partir da redemocratização, fizemos deste Brasil – abençoado por Deus e bonito por natureza – o País mais corrupto, violento, inseguro, dividido e ineficiente do mundo dos dias de hoje? Quem recebeu a benção da população para governar e deixou o País em petição de miséria?

Esse gosto de cabo de guarda-chuva que fica na boca quando um juiz absolve os criminosos por excesso de provas ilustra bem a complexidade dos nossos dias. Com empáfia gritamos que há eleitores vendendo o voto, mas e os juízes que não conseguem se livrar do cabresto do QI?

Cá entre nós, nem os mágicos imaginavam algo desse jeitão. Quer dizer, é muita prova a confirmar os delitos em julgamento e como a lei não prevê essa abundância o que fazer? Desse modo a saída é absolver!

Alguém já leu registro na história de partido do trabalhador ser processado por abuso de poder econômico numa eleição? Como pode partido do “pão com mortadela” ser processado por partido “dos coxinhas” por abuso no uso da grana em campanha eleitoral? Em que outro lugar grandes empresas financiam partido que odeia patrão?

Outro fator extraordinário destes dias é cara de pau de quem enfia a cabeça na areia, como avestruz e fica elegendo e defendendo seus corruptos preferidos do mesmo modo que escolhem cãozinho de estimação.

Mais uma: quando achamos que batemos no fundo do poço novo estrondo nos atordoa, como esse da denuncia de que o presidente Michel Temer estaria usando o aparato do Estado para devassar a vida de um juiz de Suprema Corte! Sim, Suprema Corte que às vezes nos envergonha, mas ainda assim uma Suprema Corte.

Nestes dias o leão não quer sossegar: como pode o Lula da Silva discursar em público dizendo ser ele a salvação econômica e ética do Brasil do futuro? Meus saís!

Uma terceira: para onde foi a esquerda que se apresentou como salvadora?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Brasil, intrincado labirinto

Pense num labirinto!

Do latim *labyrinthus*, apesar de sua origem remota vir do grego o termo designa espaço criado de forma artificial com incontáveis ruas, desvãos, caminhos que fazem que vão mas não vão, becos sem saídas, encruzilhadas para que a pessoa que entre nele fique confusa e sem saída. É vasta construção, como o Brasil, a desafiar a razão.

Agora esqueça esse labirinto comum e pense num labirinto intrincado, ou seja, um difícil, obscuro, embaraçado, enredado, entrançado, incompreensível, complexo, problemático, confuso, arrevesado cheio de engodos, iscas, armadilhas, mistérios, segredos, manhas, dissimulações, artimanhas.

Certo? Agora imagine que a pessoa a ser colocada nesse labirinto intrincado foi diagnosticada como portadora de labirintite.

Pronto? Você já sabe como se sentem 14 milhões de brasileiros desempregados. E sabe também porque os demais brasileiros estão desconfortáveis, perplexos, tristes.

Qual a chance de sair do intrincado labirinto? Num cotidiano para Ionesco babar melhor não falar. Nada se encaixa. Mas tudo acontece de modo muito natural. Em maior ou menor grau os ex-presidentes Lula e Dilma e o atual, Temer, estão enroscados com a Justiça e juram de pé junto que são inocentes e de todos os lados brotam defensores!

E aí vem a indagação: nestes tempos labirínticos só com prontuário policial é viável chegar nos altos postos da república e no topo da elite empresarial? Para governador, presidente da Câmara e do Senado, ministro de Estado, dirigente de estatal, top de linha em alta corte exige-se um passado escabroso? Quanto pior melhor?

Em que outro lugar do Planeta um esquema de gente de esquerda como esse aqui do Brasil, extoruiu tanto dos ricos, dos remediados e até dos pobres? Aonde se roubou a torto e a direito como fez a esquerda após a redemocratização? Não escapa ninguém, até dirigentes de sindicato dos trabalhadores tem conta na Suíça!

Falam em corrupção como quem fala da tabela da Série "A". Incrível o sucesso da campanha adote um corrupto. Impressiona como sociólogos, filósofos, clérigos (Deus é de esquerda ou direita?), renomados comunicadores, distintos professores de história, doutos pensadores de esquerda se prestam para justificar a roubalheira, as sacanagens de seus apaniguados sob o argumento que sempre foi assim, todo mundo sempre sacaneou, que a direta sempre foi cretina. Instalaram a imoralidade?

Autoridades de todos os poderes postam-se como comadres ao cair da tarde em roda de chimarrão e mandam os princípios republicanos para a latrina.

No Rio quem distingue a polícia do bandido?

Na incongruência labiríntica top de linha Porto Alegre é onde os professores municipais recebem as maiores remunerações entre as capitais, mas as avaliações colocam a rede da Prefeitura entre as piores do País. Faz sentido?

A saúde é pífia, a droga virou endemia, a violência nos faz prisioneiros, a justiça anda a passos de cágados, o desemprego assusta a infraestrutura apodrece. Somando homicídios e trânsito um milhão de brasileiros morreu em dez anos. Faz sentido?

Estamos falando de um dos maiores e mais ricos países do mundo! Não de uma republiqueta de banana qualquer – desculpem as republiquetas.

Fica a sensação de que Jeová veio ao Brasil e vendo o que fazíamos, decide embaralhar as ideias para impedir que prosseguíssemos na empreitada, dizendo (como na visita à Torre de Babel) "vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem, para que não entendam a linguagem um do outro" e cria 34 partidos político!

P.S.: Ah, sim, ia esquecendo de indagar: esse caos é culpa do neoliberalismo?

Jornalista, membro da Academia Passo-fundense de Letras.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Brasil, intrincado labirinto

Pense num labirinto!

Do latim *labyrinthus*, apesar de sua origem remota vir do grego o termo designa espaço criado de forma artificial com incontáveis ruas, desvãos, caminhos que fazem que vão mas não vão, becos sem saídas, encruzilhadas para que a pessoa que entre nele fique sem confusa e sem saída. É vasta construção, como o Brasil, a desafiar a razão.

Agora esqueça esse labirinto comum e pense num labirinto intrincado, ou seja, um difícil, obscuro, embaraçado, enredado, entrançado, incompreensível, complexo, problemático, confuso, arrevesado cheio de engodos, iscas, armadilhas, mistérios, segredos, manhas, dissimulações, artimanhas.

Certo? Agora imagine que a pessoa a ser colocada nesse labirinto intrincado foi diagnosticada como portadora de labirintite.

Pronto? Você já sabe como se sentem 14 milhões de brasileiros desempregados. E sabe também porque os demais brasileiros estão desconfortáveis, perplexos, tristes.

Qual a chance de sair do intrincado labirinto? Num cotidiano para Ionesco babar melhor não falar. Nada se encaixa. Mas tudo acontece de modo muito natural. Em maior ou menor grau os ex-presidentes Lula e Dilma e o atual, Temer, estão enroscados com a Justiça e juram de pé junto que são inocentes e de todos os lados brotam defensores!

E aí vem a indagação: nestes tempos labirínticos só com prontuário policial é viável chegar nos altos postos da república e no topo da elite empresarial? Para governador, presidente da Câmara e do Senado, ministro de Estado, dirigente de estatal, top de linha em alta corte exige-se um passado escabroso? Quanto pior melhor?

Em que outro lugar do Planeta um esquema de gente de esquerda como esse aqui do Brasil, extorquiu tanto dos ricos, dos remediados e até dos pobres? Aonde se roubou a torto e a direito como fez a esquerda após a redemocratização? Não escapa ninguém, até dirigentes de sindicato dos trabalhadores tem conta na Suíça!

Falam em corrupção como quem fala da tabela da Série "A". Incrível o sucesso da campanha adote um corrupto. Impressiona como sociólogos, filósofos, clérigos (Deus é de esquerda ou direita?), renomados comunicadores, distintos professores de história, doutos pensadores de esquerda se prestam para justificar a roubalheira, as sacanagens de seus apaniguados sob o argumento que sempre foi assim, todo mundo sempre sacaneou, que a direta sempre foi cretina. Instalaram a imoralidade?

Autoridades de todos os poderes postam-se como comadres ao cair da tarde em roda de chimarrão e mandam os princípios republicanos para a latrina.

No Rio quem distingue a polícia do bandido?

Na incongruência labiríntica top de linha Porto Alegre é onde os professores municipais recebem as maiores remunerações entre as capitais, mas as avaliações colocam a rede da Prefeitura entre as piores do País. Faz sentido?

A saúde é pífia, a droga virou endemia, a violência nos faz prisioneiros, a justiça anda a passos de cágados, o desemprego assusta a infraestrutura apodrece. Somando homicídios e trânsito um milhão de brasileiros morreu em dez anos. Faz sentido?

Estamos falando de um dos maiores e mais ricos países do mundo! Não de uma republiqueta de banana qualquer – desculpem as republiquetas.

Fica a sensação de que Jeová veio ao Brasil e vendo o que fazíamos, decide embaralhar as ideias para impedir que prosseguíssemos na empreitada, dizendo (como na visita à Torre de Babel) "vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem, para que não entendam a linguagem um do outro" e cria 34 partidos político!

P.S.: Ah, sim, ia esquecendo de indagar: esse caos é culpa do neoliberalismo?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Coisinhas da vida que fazem a gente refletir

UM – A senadora e presidente nacional do PT, Gleisi Hoffmann defendeu em público o tirano maluco Nicolás Maduro, que está enterrando a Venezuela. Pode? Outro dia essa senhora, como colegial rebelde, tomou posse da mesa do Senado e ali até almoçou para dizer que endurecia sem perder a ternura. Essa mania de gente que se diz de esquerda adorar e defender ditadores tidos como de esquerda que massacram o povo que dizem defender não é nenhuma novidade. Mas em pleno terceiro milênio?

DOIS – Em carta à “Veja” um funcionário público paulista escreveu o seguinte: “Não entendo por que, sendo funcionário público aposentado do IBGE tenho direito a aposentadoria integral, enquanto trabalhadores do setor privado não têm. Que injustiça”. O cidadão apenas está expondo a ponta o iceberg de montanha de privilégios incrustados na vida nacional e que governos tidos de esquerda apenas aprofundaram!

TRES – O bilionário Lírío Parisotto, gaudério faca na bota natural ali de Nova Bassano que andou desancado o relho na então companheira Luiza Brunet quer acabar com a Lei Maria da Penha. O homem que também tem força na área política disse a dois deputados federais que é preciso revogar essa “leizinha vagabunda”. Putzgrila, com essa lei a pancadaria contra as mulheres é grande imaginem o que será se fizerem a vontade do Parisotto!

QUATRO – A revista “Scientific Reports” publicou recente estudo de cientistas americanos informando que a popular maconha (no mundo da ciência conhecida como *cannabis sativa*) é 114 vezes menos letal ao ser humano do que o álcool. Quer dizer, entre “a marvada pinga” e a erva (que alguns chamam do diabo) é melhor a erva?

CINCO – Deu na imprensa: “o amado Brasil chega ao segundo lugar, no mundo, em número de gente fina portando tornozeleiras eletrônicas”. Outro dia o ex-ministro Geddel Vieira Lima (PMDB) furou a fila para conseguir uma e sua esposa foi flagrada comprando bebidinhas e comidinhas especiais para comemorar esse fato. Pode? Tanto que até lembra o refrão: oba, tá todo mundo louco, oba tá todo mundo louco...

SEIS – Finalmente a Polícia Federal aceitou a delação premiada do publicitário mineiro Marcos Valério que o Ministério Público recusara. O homem antecipa órgãos de comunicação do centro do País, é uma bomba-relógio. Ele sabe tanto, dizem línguas afiadas, que além de colocar mais serragem no ventilador do PT e do PSDB pode revelar quem assassinou o ex-prefeito Celso Daniel, de Santo André.

SETE – Conforme a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (PNAD) feita pelo IBGE no primeiro trimestre de 2017 nosso Brasil deitado em berço esplêndido já conta com seis milhões e seiscentos mil jovens na faixa etária dos 18 aos 24 anos que não estudam e que não trabalham. Parem e pensem no que isso vai virar! A geração do nem-nem quer o que mesmo? Maná?

OITO – Pois o xeíque Nasser Al-Khelaifi que preside o time de futebol francês PSG mandou um recado curto e grosso para diretoria do time de futebol espanhol de Barcelona: está disposto a pagar a multa de quase um bilhão de reais para ter Neymar no seu time. Óbvio, a grana é dele e faz o que bem entender, mas que é esdruxulo, isso é!



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Os empresários, os 160 anos & a Prefeitura

Nestes dias de agosto estamos todos, de um modo ou de outro, referindo-nos aos 160 anos de emancipação do município de Passo Fundo. É da nossa cultura estabelecer e comemorar datas especiais – isso permite folguedos, oportuniza reflexões, exige análises, ensina aprendizados.

É momento, inclusive, para espiar o passado. É chance de rever erros para evitar a repetição e rever acertos com intuito de produzir novos frutos agora.

Encarar o passado nem sempre é tarefa simples. Tem frase, que gosto muito atribuída ao romancista soviético Alexander Soljenítsin. O cara que denunciou “a perniciosa revolução que deu cabo de mais de 60 milhões” de pessoas e por isso foi expulso do país teria dito que “quem olha para o passado corre o risco de perder um olho, que não olha corre o risco de perder os dois”.

Nestes dias de agosto destacamos figuras como o cabo Manoel José das Neves, o capitão Joaquim Fagundes dos Reis, com marcantes passagens em nossa formação, falamos de fatos cabalísticos, como o papel dos tropeiros, a chegada do trem, a vinda de imigrantes, a criação da Universidade de Passo Fundo num conjunto de dezenas de nomes e centenas de acontecimentos que ajudaram a fazer o que somos atualmente.

Nestes 160 anos nada caiu do céu, para chegar até aqui foi preciso ousadia, fé, determinação, trabalho, empreendedorismo e, infelizmente, sangue escorrendo. Natural, então, olhar o passado para reverenciar e aprender com homens e mulheres que lutaram e com os fatos revelando que nada foi em vão. Nessa trajetória as gerações de hoje fazem constantes registros para escrever na história nomes e fatos que tornaram possível Passo Fundo ser um município aguerrido, próspero e pujante.

Nesse contexto talvez fosse o momento oportuno de avaliar o que homens e mulheres que estiveram, desde sempre, no exercício de atividades geradoras de emprego e renda – comerciantes, industriais, prestadores de serviços – a contribuição que deram para que estivéssemos no atual patamar.

Afinal, qual o papel desempenhado pelos empresários nesses 160 anos de Passo Fundo? Em que lugar da nossa história devem ser colocadas as pessoas que hoje em dia denominamos de empreendedoras?

Como seríamos sem essa gente que se dedicou, diuturnamente, a plantar, colher, criar, engordar, vender, comprar, transportar, fabricar, transformar, inventar, exportar, garimpar, extrair, empregar, consertar, embutir, empacotar, servir? Com chuva ou sol, frio ou calor, na paz ou na discórdia, estavam presentes – como hoje estão – sempre correndo riscos para gerar emprego e renda.

Como todos estão carecas de saber, um viés ideológico característico dos latinos coloca o empresário e as empresas num patamar negativo, levando os jovens a terem preconceito com os empreendedores. A falida visão estatista tem impedido uma correta avaliação do papel do empresário em nossas vidas.

Ao ensejo das comemorações dos 160 anos de emancipação (com a pujança que não caiu do céu) que tal o Prefeito Luciano ou a Câmara avaliem a hipótese de construir monumento com 160 nomes de empresários que ajudaram Passo Fundo chegar aonde chegou. Pode ser coisa simples nestes tempos bicudos de grana. Pode ser na antiga Gare, que oferece espaço para algo dessa natureza.

Esse singelo monumento pode ser o início de algo que leve os jovens a superar a ideia tão difundida que todos os empresários são exploradores e leve mais gente a se tornar empreendedora para gerar mais empregos livrando o Brasil de pindaíba como esta que deixou sem trabalho 14 milhões de brasileiros.

Fica a sugestão. Sugerir não ofende!



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Diálogos esclarecedores: em Cuba os dias ainda são assim

Estive em Cuba duas vezes. Num carro locado percorremos a ilha dando carona (botella) a quem erguesse o dedão – lá o esquema de transporte é perto de zero. O cubano tem (ou tinha) grande simpatia pelo brasileiro e o papo fluía leve e solto.

As conversas proporcionaram momentos incríveis. Começávamos falando sobre as novelas da Globo, que dominavam a audiência – mais do que as arengas de Fidel – e o papo era cortado, com delicadeza, quando entrávamos em questões políticas.

Falávamos “portunhol”. Ao ler texto de professor que elogia a série “Os dias eram assim” que rememora nossa ditadura e, num contrassenso, elogia a Cuba de Fidel decidi transcrever alguns diálogos geniais com mulheres e homens cubanos.

- O que aconteceu com Camilo Cienfuegos um dos grandes em Sierra Maestra?

- Mejor no hablar, señor.

- A senhora acha democrática a eleição que tem só um partido concorrendo?

- Mejor no hablar señor.

- Sou jornalista e fiquei com a impressão que não há liberdade de imprensa em Cuba. Qual é a sua opinião?

- Mejor no hablar, señor.

- A senhora concorda com a lei que proíbe partidos de oposição?

- Mejor no hablar, señor.

- Por que tanta gente fugiu da ilha depois que Fidel Castro assumiu o poder?

- Mejor no hablar señor.

- É verdade que tem muita gente presa só por fazer oposição pacífica?

- Mejor no hablar, señor.

- É verdade que a tortura de prisioneiros políticos é muito comum aqui na ilha?

- Mejor no hablar señor.

- É verdade que Che foi embora por desentendimento sério com Fidel?

- Mejor no hablar señor.

- Por que nas praias mais lindas de Cuba é proibida a entrada de cubano?

- Mejor no hablar señor.

- É verdade que só quem é do Partido Comunista Cubano consegue emprego nesses grandes hotéis de luxo que tomaram conta da Ilha?

- Mejor no hablar señor.

- Por que vendedores de charutos e rum são perseguidos e até presos nas praias?

- Mejor no hablar señor.

- Dizem que Guevara e Fidel mandavam fuzilar sem julgamento qualquer um que eles desconfiassem. Isso é verdade?

- É melhor nem o senhor falar sobre esse assunto aqui em Cuba, respondeu um professor de música “hablando” português.

- Já que o senhor fala português vou aproveitar para indagar por que prostituição explodiu desse jeito na ilha?

- Esse é outro assunto que aconselho o senhor não falar aqui!

- Por que tantos oferecem, em qualquer lugar, belas e jovens mulheres ao turista?

- Sobre isto, mejor no hablar señor.

- Dizem que o Fidel e sua turma vivem no luxo e o povo na penúria. É verdade?

- Señor, mejor no hablar señor.

Sai de Cuba com a certeza que em boca fechada não entra cadeia. Sempre que ouço comunistas criticarem a imprensa burguesa lembro dessas conversas com um povo que vive como cordeirinho amedrontado.

PS.: Pra mim, de esquerda, de centro, de direita, ditadura é tudo igual...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Tempos fervilhantes de cerveja, sexo e vanerão

O tropeiro, o trem e a UPF estão no DNA de Passo Fundo. Somos o que somos pelo papel extraordinário desses três – é o que dizem historiadores e os fatos. Óbvio que podemos – e devemos – acrescentar outros fatores. A lista é riquíssima.

Eu por exemplo, como adolescente perplexo em novo mundo, curioso da história e empedernido repórter acrescentaria nesse DNA cerveja, sexo e vanerão.

Faço parêntese: aqui chego dia 27 de dezembro de 1961 – a família vem depois. Estava só, solto das patas na cidade grande. Tinha 14 anos e timidez paralisante. Dei meu grito do Ipiranga, garrei coragem para assistir Ben-Hur no cine Imperial, ao lado do Bar Oásis e fui de roupa domingueira, sem poupar “gumex” no topete a Elvis. Quando a garota ao lado (nunca mais a vi), envolta em aura de luz azul, pega minha mão sem nada falar e faz ferver cada célula minha até explodir território até então intocado, conclui que chegara a um local mágico. E era recebido por seu genius loci.

Como notaram, dá para falar de outras coisas no DNA além de tropas, trem e UPF. Por volta de 1910, em pioneirismo estonteante de Bramatti e João Corá já se fazia cerveja nestas plagas. A evolução vem com Walter Barbieux: cervejaria Serrana, depois Brahma. Pensem nisso! A turma de dia pegava duro no batente, com a força da madeira os negócios cresciam, mais gente vinha morar ou só comprar e vender. Com o pão para o corpo garantido chega a hora de dar atenção ao quesito laser e veio o cine Coliseu, o Gaúcho, o 14 de Julho, o carnaval do Visconde, o Caixeiral, o Juvenil, o Comercial, o CTG Lalau Miranda, café Elite e Amarelinho, bar Oásis, restaurante Maracanã, Cantina Nápoles e claro, o Cassino da Maroca.

Reflitam: o mundo como o conhecemos, seria viável sem bar, futebol, cerveja, restaurantes, cinema e todos os seus derivados?

Passo Fundo era assim: desde o raiar do dia trabalho, muito trabalho que Deus ajuda quem cedo madruga e, de noite, ah, de noite quando o vespeiro de tentações mais move os segredos mais recônditos deixavam a tocas. Convenhamos, ninguém é de ferro.

Naqueles tempos de costume rígidos e muito pecado, mas muito pecado mesmo e de muita culpa, mas muita culpa mesmo, como achar ânimo para outro raiar do dia sem essas noites? E, por gentileza, andem um pouco além do bordão “a carne é fraca”.

Naqueles fervilhantes tempos fizemos, neste norte gaudério, o que diz o figurino dos cidadãos de fino trato. Por isso, os dias eram de intenso labor e, à noite, quando luzes se acendiam, a dialética pedia licença para permitir que os cidadãos de fino trato, daqui e da região, pudessem apaziguar a sede e todos os demais apetites.

Com a mesma intensidade que a filosofia do tropeiro, do trem, da UPF conduzia os dias – hoje tidos como gloriosos – à noite vivíamos a intensidade posta à mesa, como banquete, pela sociologia da cerveja, do sexo e do vanerão.

Nossas noites são dignas da atenção de nossos historiadores. E, por favor, não falem em pecado. A novela das 18 horas de hoje scandalizaria os que, à noite, no passado, andavam por cantos e recantos afrodisíacos que esta terra sempre ofereceu aos borbotões por décadas – e, claro, ainda oferece.

Ouvi de experimentados viajantes, que Passo Fundo, à noite, funcionava para o Norte do Estado como Paris para França, Ibiza para os espanhóis, Buenos Aires para os Argentinos, Berlim para os alemães, Londres para os ingleses, Porto Alegre para os gaúchos. Em que outro lugar do mundo essa articulação entre o dia de intenso labor e a noite de intenso prazer, funcionou tão bem quanto aqui? Assim, fica combinado que além do tropeiro, do trem, da UPF, nosso DNA reservou pequeno espaço para cerveja, sexo e vanerão.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Patrimônio humano no Momento patrimônio

Dizem nossos estudiosos que das seis espécies de humanos que há 100 mil anos habitavam a terra sobrou uma: homo sapiens. O espaço é curto para divagações, com o que vamos ao ponto. Do Leste da África, berço da humanidade, a turma inquieta da qual descendemos sai a caminhar para grandes aventuras no enfrentamento do desconhecido.

Com um grupo se aglutinando num ponto, outro logo adiante, a turma, curiosa e doida por novidades, inicia o processo de globalização (é, globalização parece ser coisa antiga). Porteiras não existiam, mares, montanhas íngremes, florestas densas, feras apavorantes, desertos escaldantes não arrefeciam o ânimo de nossos ancestrais.

E a despacito no más (sem pressa, ninguém era escravo do relógio) fomos mudando este mundão de Deus e ele nos mudando por causa de clima, solo, vegetação, bichos e outras complexidades do DNA. Alguém, hoje, sabe exatamente quantas etnias existem? O fato incontestável é que agora temos nos cinco continentes pessoas de todas as cores, altura, tamanho, formatos de olhos, bocas, coxas, cabeça. Caracas, só por milagre aqui, outro milagre ali se vê um terráqueo quase igualzito ao outro.

Nessa andança essa gente de muitas virtudes faz obras geniais, mas, cá pra nós, comete pecados de encabular o capeta! Eis a tragédia da epopeia: quanta matança. Por quê? Sempre (ontem e hoje) por motivos nem sempre bem claro, mas, principalmente em nome de Deus, seitas, ideologias achamos motivos para matar e matar. Esse matar e matar mete medo e obriga muitos a buscar outro lugar.

Olhando ao passado desses 100 mil anos e hoje lendo jornal, ouvindo rádio ou vendo televisão o pessimista diria: "é este mundão não tem conserto".

É assim mesmo? O futuro é o caos? Até eu, em momentos de dureza, meio que deixava a esperança fugir. Não é fácil ter esperança, é ou não é? Agora, porém, há um dado novo para segurar a esperança; um dado nascido daquilo que aprontou outro dia o time liderado por duas mulheres desta nossa terra abençoada que completou 160 anos.

Mulher é assim, incorpora transcendência ao botar a mão na massa. Em instante de pura magia, ou inspiração divida, ou lucidez impar ou apenas competência (ou tudo isso junto, como saber?) duas mulheres aqui de Passo Fundo reúnem representantes de várias etnias dos descendentes do homo sapiens no Teatro Municipal e dão a palavra a eles. Eles falam! E esse falar produz espetáculo de esperança no futuro.

No teatro já falaram (por obra e graça da equipe das 2 mulheres) descendentes de cabo-verdianos, moçambicanos, senegaleses, sírios, turcos, libaneses, portugueses, judeus, alemães, italianos, polacos, austríacos e outros além de "estrangeiros", como eu, que um dia, vindo de incontáveis querências, mudaram para Passo Fundo.

(Um parêntese: pensando bem, quem tem falado no teatro com vários timbres de voz, são apenas passo-fundenses. Óbvio, as pessoas da turma do "homo sapiens" que aqui aportaram, passaram a ser conhecidas só como passo-fundenses. É isso mesmo?).

As duas mulheres e suas equipes bolaram tudo com a singela desculpa de marcar os 160 anos de Passo Fundo. A modéstia impede de dizer que fizeram tal projeto para gritar ao mundo que é possível, sim, os diferentes viverem na harmonia. Afinal, não temos todos da mesma descendência?

Bem, ao menos penso assim. Claro, posso estar errado. Quem quiser certeza deve falar com as duas ousadas mulheres: Ironita Machado e Deisi Fanfa. Ah, estava esquecendo: elas revelam ao mundo, também, que, sim, Passo Fundo é terra para se ficar e viver muito bem.

Ironita, Deisi, cumprimentos e obrigado pelo belo projeto; obrigado extensivo a toda equipe, inclusive ao cinegrafista. E parabéns, pela realização, ao IHPF, à UPF e à Prefeitura.

Jornalista, membro da Academia Passo-fundense de Letras



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Mulher não vota em mulher?

Neste 2017, na propaganda gratuita em rádio e TV, todos os partidos dão ênfase à participação da mulher na política. Nas redes sociais há enxurrada de textos de estudiosos de todas as tendências reclamando, apontando, condenando, protestando sobre algo que todos sabemos: embora o eleitorado feminino seja maioria é irrisória a presença da mulher nos parlamentos de todos os níveis.

Mulher não vota em mulher?

Em Passo Fundo, então, é de doer: nenhuma mulher foi eleita em 2016. Nunca antes tantas mulheres competentes, inteligentes, lucidas, com ação vigorosa na vida comunitária concorreram ao mesmo tempo. Quase uma centena delas, do espectro que vai da esquerda à direita, foram à luta me buscando voto e nenhuma obteve sucesso.

Disse alguém: "muitas podem ser as razões que, eventualmente, provocariam o acanhamento feminino" no território da política. E quais são tais razões?

Mulher não vota em mulher?

Segundo a Agência Brasil "ocupamos a 115ª posição no ranking mundial de presença feminina no Parlamento dentre os 138 países analisados pelo Projeto Mulheres Inspiradoras com base em dados do Banco Mundial e do Tribunal Superior Eleitoral". As nações com maior percentual de mulheres no Parlamento são Ruanda (63,8%), Bolívia (53,1%), Cuba (48,9%), Islândia (47,6), Suécia (43,6%), Senegal (42,7%), México (42,4%), África do Sul (41,8%), Equador (41,6%) e Finlândia (41,5%). No Parlamento brasileiro, há apenas 10% de mulheres. Os Estados Unidos detêm a 74ª colocação, com 19,4% de mulheres no Parlamento.

Lembram os historiadores "que os obstáculos segregacionistas à capacidade política feminina perduraram por séculos". Pioneiro na remodelação deste quadro discriminatório foi o Estado de Wyoming, nos Estados Unidos, que concedeu o direito de voto às mulheres em 1890, exemplo seguido pela Bélgica em 1919, Inglaterra em 1928, França em 1944. E em Portugal, apesar da tenaz atuação feminina por mais de século emancipação e o voto da mulher foram alcançados só em 1974.

No Brasil, o percurso, não deixou de ser espinhoso. Em 1923, Diva Nolf Nazario, aluna da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco inicia a luta buscando sensibilizar a sociedade sobre a "causa feminina", oferecendo subsídios para o reconhecimento da atuação da mulher na política. Mas só foi com a Constituição de 1946 que se consolidou o sufrágio universal feminino.

Desde a redemocratização a legislação foi encurralando os partidos políticos para que abrissem maior espaço para as mulheres. E isso tem ocorrido, os partidos tem feito tudo a seu alcance para ampliar o número de candidatas. O Tribunal Superior Eleitoral tem insistido em maciças campanhas pelo voto feminino. A mulher, no geral, nunca antes esteve tão presente e tão ativa na sociedade. Inclusive no Brasil.

Entretanto a mulher – e vamos repetir, por oportuno – embora sendo a maioria do eleitorado não consegue emplacar na política com a mesma força e representação que possui em todos os demais segmentos da sociedade.

Afinal, qual a causa disso?

Estou convencido que a resposta cabe às mulheres.

E a pergunta é direta: Mulher não vota em mulher?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

O poder & a utopia: qual o legado das esquerdas?

Tem sido recorrente: sempre que se instala no poder central (após prender, torturar, matar) a utopia de esquerda que contaminou, estimulou e injetou adrenalina nos "bons" revolucionários sucumbe. A força transformadora que mobilizou uma geração logo entra em processo de definhamento.

Parece praga de madrinha: a coisa linda que move montanhas, acena com outro mundo, garante criar o homem novo e liquidar as injustiças da direita começa a derreter tão logo bota os pés onde sempre sonhou estar. É fenômeno interessante e lembra como a droga funciona no organismo, ou seja, quando o efeito passa a pessoa fica sem rumo.

Em todo Planeta tem sido assim. Homens dotados de inteligência privilegiada, poder incomum de comunicação se tornam especialistas de frases feitas, doutores do simplismo, criam um inimigo a ser combatido e derrotado por seus povos e, pronto, encastelam a utopia no mais alto posto de comando.

Há quem defenda que a utopia das esquerdas deveria ser avaliada no campo da psiquiatria tal o grau de atrocidades que comete após se instalar no poder. Será? Os utópicos passam a beirar a insanidade? Sabemos todos, entretanto, que onde a utopia assume o poder deixa como legado situação pior do que aquela que encontrou. Mais estranho ainda: a receita para sair do caos criado é exatamente aquela que a utopia imaginou um dia queimar em fogueira que consome herege.

Essas questões do legado e da receita passam a ideia que a utopia só consegue andar em círculos, parece cachorro querendo morder o próprio rabo. Faz uma balburdia extraordinária como se avançasse e, quando nos damos conta fez trajetória de 360 graus e voltou ao início de tudo. Com uma agravante: o quadro geral ficou pior.

Em todos os quadrantes a utopia da esquerda levou ao poder homens e mulheres que, no exercício do mando matam, torturam, prendem sem piedade e se lambuzam no luxo e na corrupção. E muitos galgam os postos de mando sob o orgasmo das massas e dos intelectuais que parecem estar sob o efeito de alguma droga alucinógena.

A Cuba dos irmãos Castro está pior do que aquela governada por Batista e ali a prostituição é setor forte na formação do PIB. Isso após fuzilar cerca de 18 mil cubanos sem julgamento. A Venezuela de Chaves/Maduro, rica em petróleo perde de longe para a de antes e que motivou a ascensão dos tiranetes e dali o povo, sem papel higiênico, foge como o diabo da cruz. Na Rússia de hoje Putin, cara da ex-KGB dos tempos da URSS geme para consolidar o capitalismo que Lênin e Stalin impediram ao custo de 25 milhões de vidas. A China de Mao, do Grande Salto, se torna um capitalista poderoso após exterminar 75 milhões de chineses justo para evitar o que faz agora. E o Pol Pot que liquidou um terço da população? Essa turma encabula os Pinochet, os Videla...

(Parêntese: em 2017 completamos 100 anos desde o primeiro governo comunista implantado no mundo – não seria este o momento para boa reflexão sobre seu legado?)

E no Brasil? Quem folha para 1964 fica atônito. Quem olha o passado e coloca os olhos em Brasília indaga: o que ocorreu com nossa utopia? Foi isso que imaginamos ao lutar contra a ditadura? Como brotou tantos corruptos e enganadores?

Onde estaria a falha?

Seria a utopia de esquerda bruxa malvada que se apresenta como fada para nos encantar – principalmente quando ainda estamos naquela fase de imberbe arrogante que tudo sabe – e depois de cativar nos domina como droga alucinógena?

Ou não é nada disso e, sim, o que precisamos é construir nova utopia? Mas quem garante que outra bruxa não fará gato e sapato da gente? Cartas para a redação.

**Ivaldino Tasca**

itasca@uol.com.br

Lula, office boy da elite branca

Diz o seu Google que office boy é expressão em inglês que significa literalmente menino de escritório e consiste no cargo do cara responsável por realizar diversas tarefas rotineiras nas empresas, como fazer cópias de xerox, transporte e distribuição de correspondências, documentos, objetos e demais mensagens, executar algumas tarefas externas na base do levar e trazer.

Foi o que veio à mente para definir Luiz Inácio Lula da Silva quando o seu companheiro de 30 anos de luta, em convivência tipo "carne e unha", Antônio Palocci Filho, revelou que o homem que não roubou uma maçã fizera "pacto de sangue" com Emilio Odebrecht, nosso maior empreiteiro. Sim, na prática, Lula se converteu num ágil office boy da tal elite branca que sua empáfia atacava para agradar intelectuais démodé e incautos em geral.

Conforme a imprensa do centro do País registrou: "O ex-homem forte dos governos Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff e principal elo do PT com o empresariado e o setor financeiro, Antônio Palocci confessou ao juiz federal Sérgio Moro a existência de um mega esquema de corrupção na Petrobrás, denunciado pela Operação Lava Jato, imputou mortalmente responsabilidade maior ao ex-presidente Lula e reconheceu sua culpa: Desculpa doutor, eu não estava de santo na história não".

Não poucos, ainda, lembraram-se do poeta Carlos Drummond de Andrade nessa hora dramática em que a esquerda puxa a descarga da latrina mandando a utopia para os esgotos: E agora, José? Pois é, quem responde?: "E agora, José?/A festa acabou,/a luz apagou,/o povo sumiu,/a noite esfriou,/e agora, José?/e agora, você?/Você que é sem nome,/ que zomba dos outros..."

Impressionante como Lula seguiu, na íntegra, a cartilha de todos os malandros que se tornaram poderosos falando em nome do povo, em nome do socialismo, em nome da justiça social. Esses malandros, por primeiro, distribuíam migalhas aos mais necessitados e, depois – que afinal de contas ninguém é de ferro – foram viver no mais alto luxo botando a mão na grana do povo para enriquecerem.

É recorrente: Nestor e Cristina Kirchner fizeram as mesmas barbaridades na Argentina; Hugo Chaves e Nicolás Maduro fazem o mesmo na Venezuela; Evo Morales foi aluno fiel na Bolívia; Fidel Castro e Raul repetem a receita em Cuba. Em todos os lugares do Planeta aonde esse discurso dos ungidos pelos céus foi repetido à exaustão aconteceu a mesma coisa. Por que Lula seria diferente?

Confesso que não tenho prazer em escrever desse modo. Faço por obrigação. Ainda lembro que fui ver de perto o Estádio de Futebol de Vila Euclides, São Bernardo do Campo onde estaria nascendo o novo Brasil sob a liderança de Lula. Lembro de papo com o jornalista Tarso de Castro quando ele disse que devia abrir o olho com Lula, um malandro oportunista de marca maior. Na época eu não acreditei. Afinal, estávamos nos encaminhando para superar o autoritarismo, era necessário apoiar líderes que ajudassem na consolidação de uma sociedade justa e democrática.

Nada mais trágico, assim, do que assistir a confirmação de um Lula sendo vassalo dos ricos e poderosos, dos quais recebeu boas quantias por relevantes serviços prestados à elite branca. Nada mais trágico do que ver Lula esquecer que homens e mulheres que foram presos, torturados, exilados mortos em troca de um tríplice na praia e um sítio para curtir a natureza. Pior do que tudo: nada mais trágico do que assistir brilhantes biografias se transformarem em cinza na defesa do indefensável.


Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Mulher: a complexidade e a dor do processo de mudança

Quando Cláudia Rocha Crusius, José Ernani de Almeida, Josiane Petry Faria, Mariane Loch Sbeghen, Marina de Campos e eu mergulhamos na história e na realidade para elaborar o livro "É pensando nos homens que eu perdoo aos tigres as garras que dilaceram" que trata da violência contra a mulher, foi possível constatar, duramente, a complexidade que envolve essa antigüíssima e ao mesmo tempo atualíssima e trágica questão.

Num mundo em permanente movimento raramente encontraremos um ponto de curva para a mudança que não produza intensa dor antes de trazer e consolidar o novo. Tem sido assim e, infelizmente, continuará por muito tempo: a dialética corrói, como ácido sulfúrico, nossas entranhas antes de produzir a nova síntese.

Como produto de construção histórica – por isso possível de desconstrução, como afirma a psicóloga paulista Tania Pinafi – a violência de gênero pressupõe, para ser extirpada do convívio social, nova postura de todos, inclusive dos homens, óbvio.

Volto ao tema pela informação recente de que 30% dos brasileiros (as brasileiras incluídas) afirmam que a mulher tem culpa quando estuprada, algo persistente em muitos locais do Planeta independente de posição econômica, social, etnia, ideologia. Ao ler isso lembrei a China entre 1500/1700 onde "havia, quase sempre, o consenso de que o suicídio era a melhor solução para a mulher estuprada que perdera a virtude." Em tal caso, o governo pagava as despesas do funeral e providenciava uma placa atestando que a mulher preferira a morte à desonra. Sacaram a doentia sutileza?

Mas o estupro, que é a forma mais aguda e brutal dessa violência é só a parte visível desse drama que ainda se desdobra, no dia a dia, em rotinas também penosas, doloridas, desgastantes, aflitivas que demoram a ser captadas e vão sugando a seiva do vigor da vida das mulheres.

Nas horas do dia, nos dias da semana, nos meses do ano, onde a vida segue seu tranco ocorrem combates desestabilizadores entre o novo que sempre chega, queiramos ou não, e o velho que muitas vezes teima em não ir embora. E o preço, em sofrimento, não raro, é alto. E, diga-se, para todos, independente de sexo.

Nessa dinâmica de movimento ininterrupto da história mulher que deve ou deseja encarar o novo (que às vezes chega avassalador) logo sente que o status quo vai se tornando insuportável e acaba sofrendo muito. É esse sofrimento de quem está em transição entre esse novo incerto que teima em chegar e esse velho desconfortável que não quer ir embora.

E tudo tem também custo emocional alto, pois sempre leva a conflitos e até separação de casais com as sequelas doloridas conhecidas. Profissionais de diferentes áreas que atendem mulheres – especialmente médicos, psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais confirmam dramas terríveis. Eis outra dimensão da questão: quando só uma parte muda deve-se aguardar a acomodação do terremoto para reencontrar novo ponto equilíbrio. Para quem tiver garra – isso em regra nunca falta às mulheres – encontra, um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde, porto seguro adiante.

Assim, se a brutalidade é o fator visível das distorções desse mundo de caos, o bate-estaca diuturno também configura sofrimento a mulher (e os seus!) se posta diante das forças da mudança.

Era e continua sendo difícil...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

O Hospital São Vicente & o Hospital de Clínicas

Para entender o que é Passo Fundo hoje a gente começa, em regra, falando do papel dos tropeiros de mulas que saíam de Sorocaba em direção à pampa Meridional. É coisa do tipo "terra de passagem que se torna terra de ficar". Nossos historiadores botam em pauta, a seguir, o papel do trem, da emblemática Maria fumaça cortando a mata inóspita para trazer o que hoje denominamos de progresso.

Às vezes fecho os olhos e imagino tropeiros de mulas parando para beber água no chafariz da Mãe Preta. Ainda dentro do meu tempo lembro o trem chegando e partindo ali na gare, como me lembro de gente chegando e ficando.

O terceiro marco, pleno de simbologia e vital para nos consolidar como máxima expressão do Norte do Rio Grande é a Universidade de Passo Fundo. A UPF é síntese extraordinária do que podemos ser e fazer – com nossas virtudes e nossos defeitos.

Como o tempo não para existiria, agora, outro marco pleno de simbologia a confirmar que seguimos honrando a índole dos pioneiros? Existe esse que seria o quarto marco agora dando resposta aos desafios dos novos tempos? Arrisco dizer que sim! Arrisco dizer que o Hospital São Vicente de Paulo (imbricado com o Cidade em evolução extraordinária, o Municipal, o Bezerra, o de Olhos em grande evolução, Prontoclinica e imbricado com os outros três fatores históricos) assume esse posto em nossa história.

Gestado pela coragem dos Vicentinos em 1918 numa precária casa de 240 m² no local onde hoje está a EENAV, o HSVP pede passagem para se postar como esse quarto marco daquilo que podemos ser diante dos desafios e que já fez Passo Fundo o terceiro polo médico do Sul do Brasil. Convenhamos, não é coisa pouca para quem começou vivendo "de generosas esmolas."

Então, o que é atualmente o Hospital São Vicente de Paulo?

Como é impossível traduzir isso em poucas linhas faço algumas comparações com Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), órgão público fundado em 1970, ligado ao Ministério da Educação e à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. HSVP e HCPA são duas instituições sérias, conceituadas, uma nascida pela ação de homens e mulheres denodadas na ausência do Estado cumprindo obrigações básicas, outra criada pelo Estado para suprir lacuna em área vital.

Ambas as instituições prestam relevantes serviços aos gaúchos. Uma (São Vicente) faz das tripas coração para vencer obstáculos financeiros cotidianos, outra (Clínicas) têm o aparato Federal a ampará-la em todos os momentos.

Tentando não ser ufanista peço permissão para algumas comparações singelas entre os dois hospitais que mostram a grandeza de ambos e que confirmam o quanto o São Vicente é especial.

Vamos nessa? Vamos: O Clínicas tem 842 leitos, o São Vicente 680; em 2016 o Clínicas internou 34.417 pacientes, o São Vicente fez 33.615 internações. Em 2016 o Clínicas fez 3.725 partos o São Vicente 3.254; no mesmo ano o serviço auxiliar de diagnóstico (exames de sangue, xixi, fezes, raio X, ultrassom – essas coisas) do Clínicas fez 8.410 ações, o São Vicente 3.435.

Mais: o Clínicas funciona às 24 horas do dia com 6.081 funcionários, o São Vicente funciona as 24 horas do dia com 3.604 funcionários. O orçamento do Hospital de Clínicas em 2016 foi, em números redondos, de 1 bilhão e 233 milhões de reais e a grana orçada e gerida pelo São Vicente nesse mesmo ano foi de 360 milhões, em números redondinhos.

Genial essa formatação do São Vicente de fazer mais com menos, é ou não? Qual seria o segredo de fazer quase igual com metade dos funcionários e com grana quase quatro vezes menor?

Esses números todos, talvez, sejam o motivo do orgulho estampado por Hilário, Deonir, Rudah, Bagatini, Catarina, Iris, Plínio, Jairo, Julio, Décio, Carmelina, Liege e milhares de homens e mulheres que ao longo dos anos vem fazendo do Hospital São Vicente de Paulo também um orgulho dos passo-fundenses.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Complexo de coitadinho

Ultimamente ando relendo coisas. Está difícil compreender o Brasil político de 2107 e imagino que uma olhada no passado pode expelir uma fagulha de luz.

Não faz muito, por exemplo, ser de esquerda significava buscar alternativa para métodos da direita para atender o interesse do povo. Tem coisa mais linda do que essa?

Contrariando os pessimistas, os caras de pouca fé, os derrotistas, eis que aqueles que se diziam de esquerda chegam ao poder. E o que faz o time de salvadores do povo ao tomar conta do aparato estatal? Simplesmente tornam-se vassalos da direita para encherem seus próprios bolsos de grana rapidamente.

Difícil de digerir, essa, né Lula, o mais honesto do mundo et caterval

Nessas releituras encontrei este texto do moçambicano Mia Couto: "Todos os dias somos confrontados com o apelo exaltante de combater a pobreza. E todos nós, de modo generoso e patriótico, queremos participar nessa batalha. Existem, no entanto, várias formas de pobreza. E há, entre todas, uma que escapa às estatísticas e indicadores numéricos: é a penúria da reflexão sobre nós mesmos. Falo da dificuldade de pensarmos como sujeitos históricos, como lugar de partida e como destino de um sonho".

Pimba, na cabeça. Dei-me conta como esses que se postam de esquerda que nos comandaram foram e têm sido supérfluos, infantis, medíocres, irresponsáveis, toupeiras ao buscar culpados por nossas mazelas e criando entre nós o chamado complexo de coitadinhos. Quer dizer, os burgueses, os imperialistas, os capitalistas, os americanos, as elites, as empreiteiras, o Tio Patinhas só querem nos prejudicar!

Mia Couto desenvolve o seu raciocínio em cima das mazelas da África, mas o que diz se encaixa como uma luva na América do Sul e no Brasil. Não tem nada de novo, mas é de uma atualidade atroz.

Ele crê que a África tem futuro promissor, mas para isso deve responder algo crucial: "o que nos separa do futuro que queremos? Alguns acreditam que faltam mais escolas e hospitais, mais investidores e projetos econômicos. Tudo isso é necessário. Mas para mim, há outra coisa ainda mais importante. Essa coisa tem nome: é uma nova atitude. Se não mudarmos de atitude não conquistaremos uma condição melhor.

O homem que conhece a África fala de seu país, mas sua tese se aplica ao continente africano: "Há muito defendo que o maior fator de atraso em Moçambique não está na economia, mas na incapacidade de gerarmos pensamento produtivo, ousado e inovador. Um pensamento que não resulte da repetição de lugares comuns, de fórmulas e receitas já pensadas pelos outros. Às vezes me pergunto: de onde vem a dificuldade em nós pensarmos como sujeitos da História? Vem sobretudo de termos legado sempre aos outros o desenho da nossa própria identidade".

Com a maestria de sua escrita Mia Couto diz: "estamos estreando combate interno para domesticar antigos fantasmas. Não podemos entrar na modernidade com o atual fardo de preconceitos. À porta da modernidade precisamos nos descalçar. Eu contei sete sapatos sujos que precisamos deixar na soleira da porta dos tempos novos. Haverá muitos. Mas eu tinha que escolher e sete é um número mágico:

O primeiro sapato: a ideia que os culpados são sempre os outros e nós somos sempre vítimas; segundo sapato: a ideia de que o sucesso não nasce do trabalho; terceiro sapato: o preconceito de que quem critica é inimigo; quarto sapato: a ideia de que mudar as palavras muda a realidade; quinto sapato: vergonha de ser pobre e o culto das aparências; sexto sapato: a passividade perante a injustiça; sétimo sapato: a ideia de que para sermos modernos temos que imitar os outros.

Em síntese, África e América do Sul (e o Brasil, claro) precisam se livrar desse complexo de coitadinhos que foi nos imposto tanto pela esquerda quanto pela direita...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Regimes comunistas fascistas e nazistas: quem censurou mais?

Numa espécie de regurgitamento dos tempos jurássicos as redes sociais foram inundadas por três palavras carregadas de bolor: comunista, fascista e nazista. O século passado purgou os efeitos nefastos das atrocidades cometidas pelos regimes comunistas, fascistas e nazistas que nada produziram de produtivo além de assassinatos em massa.

Comunistas, nazistas e fascistas mataram tanto que é difícil ter o número exato. Nas contas dos comunistas franceses o fascismo foi o "bonzinho", o nazismo está em segundo e no topo fica o comunismo. Mas diga lá, há coisa mais macabra do que fazer cálculo matemático para ver quem matou menos? Isso não pode nos levar à demência!

Mas vamos em frente: virou moda, agora, o cara tido como comunista apontar o dedo acusador de fascista contra quem discorda de seu ponto de vista. Claro o cara tido como nazista tísna de comunista o opositor que odeia. Já o cara tido como fascista achincalha comunista e assim sucessivamente.

E por que agora essas palavras ressurgem com intensidade? Resposta unânime: porque vivemos numa democracia. Só a democracia permite liberdade de expressão, pois a primeira coisa que regimes comunistas, fascistas e nazistas fizeram (e fazem) foi extirpar a liberdade de expressão que é a mãe de todas as liberdades.

"A censura feita na União Soviética com Lênin e Stalin entre 1922 e 1991 pelo partido comunista sobre o conteúdo das informações propagadas, incluindo materiais impressos, músicas, peças teatrais, obras de arte, cinema, fotografia, transmissão de rádio e televisão, tinha como objetivos suprimir as fontes de informação alternativas às oficiais" para transformar a população numa tropa de gado.

Na Alemanha nazista "a propaganda para o público em geral funciona a partir do ponto de vista de uma ideia, e o prepara para quando da vitória dessa opinião". Alçado ao poder em 1933, Hitler estabelece o Ministério do Reich para Esclarecimento Popular e Propaganda, encabeçado por Joseph Goebbels. Isso para garantir que a mensagem "nazista fosse transmitida com sucesso através da arte, música, teatro, filmes, livros, rádio, material escolar e imprensa", treinando o povo para ser tropa de gado. Alfredo Rocco, ministro da propaganda no fascismo de Mussolini disse não querer impor censura nas comunicações, mas manteve como exceção "toda atividade contrária aos interesses nacionais". A 'Fidelidade à Pátria' assumia uma posição de máxima importância. Era fundamental treinar o povo para ser tropa de gado.

Eis algo fantástico nestes tempos pós-jurássicos: comunistas, fascistas e nazistas se lambuzam com a liberdade de imprensa que conseguem usufruir nas democracias burguesas, mas já imaginando como farão para impor total censura contra os possíveis adversários no dia em que tomarem o poder. Sempre que ouço, leio comunista, fascista ou nazista reclamar da falta de liberdade de imprensa recordo como Lenin, Stalin, Mao, Fidel, Mussolini, Hitler transformaram seus governados em tropa de gado. E recordo da história do sapo que pediu para se jogado no fogo...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

O Brasil da esquerda sob o tapete complica o futuro

Cáspita: 86% dos alunos com as melhores notas do ENEM são oriundos das escolas particulares. Pesquisa do IDados diz que vivemos uma tragédia: o ensino de qualidade neste nosso Brasil governado pelas esquerdas está ao alcance de pouca gente.

Estou assombrado! Esse dado me incomoda, gera profundo sentimento de tempo perdido, de esforço inútil. Diz esse instituto de pesquisa que as "vagas mais cobiçadas do ensino superior vão para os jovens de maior poder aquisitivo egressos das escolas mais caras da região mais desenvolvida do país."

Sou de um tempo onde as coisas pareciam bem simples. Ou seriam simplórias? Minha geração foi turbinada por uma fé inabalável: bastava dar um pontapé no fundilho da direita elitista e colocar a esquerda do povo no comando que um esplendoroso Brasil nasceria. Principalmente na educação.

Essa ótica enviesada de encarar o movimento do mundo entre esquerda e direita não morreu. Aliás, está mais viva do que nunca: para confirmar basta entrar numa sala de aula – em especial na academia – onde professor (em regra vaidoso) comprometido com as causas da humanidade explica com total clareza a hermenêutica da dialética do contrário do vice-versa e seus efeitos na transcendência no cotidiano do amanhã.

Depois que o moço topetudo das Minas Gerais deu bússola ao País com o Plano Real só fomos governados pela esquerda. Não indague qual esquerda, pois naquele tempo das coisas simples (ou simplórias?) estávamos divididos em quarenta tendências esquerdistas ou esquerdizantes e hoje em dia o que mais se ouve é o discurso sobre a necessidade de renovação das esquerdas.

FHC, Lula, Dilma (Temer já conta?) comandaram o Brasil por quase 25 anos sem implantar um projeto nacional de educação básica capaz de fazer o que governantes realmente comprometidos com o futuro de suas nações fizeram no Japão, Alemanha, na Coreia do Sul, no Vietnã e em dezenas de outros países. Os quatro países citados estavam arrasados, liquidados, humilhados, esgualapados e só não comandam o mundo hoje, após apostarem tudo na educação básica, por terem territórios pequenos...

Como explicar que a esquerda, já no poder, transforme em lo-rota seu discurso mais emblemático, ou seja, que educação seria prioridade? Seria incompetência?

Mais, a quem atribuir a responsabilidade do Brasil de hoje que vive os dias mais cruciais de sua história? Se fomos governados pela esquerda dá para atribuir à direita a baixa qualidade do nosso ensino, a violência geral que lista 60 mil assassinatos por ano e a precariedade dos hospitais? Se a direita está fora do poder porque a reforma agrária não avançou nessas mais de duas décadas de gente de esquerda nos postos de comando?

Dá para acusar a direita pelo estonteante índice de corrupção vigente, pela legião de consumidores de drogas, pelos absurdos casos de roubos e assaltos, pelo desemprego que infelicitiza 13 milhões de brasileiros.

O papo bizantino entre esquerda e direita leva nossa dura realidade para debaixo do tapete, impede a correta avaliação do Brasil de hoje e não permite identificar com clareza os responsáveis pelo caos que surgiu após FHC, Lula, Dilma (Temer já conta?).



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

Expresso Literário de BarraFunda na Feira do Livro

Domingo – após pit stop no SOS – saí de casa para conferir dica de um parente lá do Aguço (o Claudino): “você precisa assistir o Expresso Literário de Barra Funda na Feira do Livro.” Na minha mente vieram os idos de 1920 quando colonos italianos oriundos de Guaporé, Caxias do Sul, Veranópolis passaram a se fixar nas redondezas do Rio da Várzea e do Rio Aguço onde, mais tarde, surgiria Barra Funda.

No trajeto até o Bourbon recordei histórias antigas de como os pioneiros, na base da tecnologia do arado de boi, facão, velas, lampiões, coragem, garra e determinação chegaram e venceram. Nessas lembranças alguns nomes do que hoje seriam nonos e “bisnonos” de fibra que ajudaram fazer, sem temer os desafios, o Rio Grande e o Brasil.

Mesmo correndo risco de ser traído pela memória puída pelo implacável atrito do tempo recordei nomes que ouvi como sendo dos construtores da aguerrida Barra Funda: Piaia, Pazini, Rossatto, Cótica, Ré, Zandoná, Nicola, Barivieira, Gerevini, Gnoatto, Magro, Castoldi, Segal, Gelain, Perusso, Giordani, Garbossa, Rossetto, Bazzanella, Furini, Rebonatto, Tasca (claro). Quantos esqueci? Saberão perdoar?

Tinha mais pensamentos voando: uma Feira de Livro sob o comando da Silvana Rovani, que começara com Luiz Fernando Verissimo, reunira gente de peso da literatura nacional e que terminaria num domingo com nosso Timbre de Galo e Os Fagundes não poderia errar o pulo nessa hora. E não errou! Sabia que Barra Funda faria bonito, pois além da famosa água mineral Sarandi, seu vinho, seus filós, seu capeletti, uma polenta com molho de galinha que o Claudino prepara como poucos ela tem algo especial: seu povo.

Entrei na Feira do Livro com essa Barra Funda do início do Século XX na mente e ao sair do Bourbon (com extrema emoção) já tinha ingressado no Século XXI com a certeza de que os nonos, nonas, bisnonos e bisnononas estão todos orgulhosos do que fazem agora seus descendentes. Quem, como eu, passava as férias escolares brincando com o Dervile no Aguço, comendo polenta e galinha com molho na casa do tio Bepe e da tia Maria e agora assiste a esse extraordinário espetáculo nele encontra motivo para lágrimas que lavam a alma e, também, exemplo do significado da palavra globalização.

Mais ainda, deixei a Feira do Livro com a certeza de que as comunidades, quando unidas, independentes do tamanho, só não fazem chover. Barra Funda mostrou isso. Com competência, criatividade, sensibilidade, profissionalismo e, com certeza, muito orgulho, os barrafundenses trouxeram aos participantes da Feira do Livro de 2017 mais do que um espetáculo envolvendo teatro, música, poesia, dança, números circenses – eu diria que trouxeram deixaram um belo exemplo para ser seguido por qualquer comunidade nestes tempos de tantos conflitos e desentendimentos.

A apresentação do Expresso Literário conta a história da menina Katica que, por ser cega, sente o mundo de forma diferente e leva textos de O Pequeno Príncipe, Peter Pan, A Branca de Neve e Os Sete Anões e poesias de Mário Quintana. É um mágico apelo à leitura, à solidariedade, ao lúdico, ao encantamento. O belíssimo espetáculo tem cenários magníficos e surpreendentes, 110 artistas de todas as idades, apoio de 40 pessoas que cuidam da produção; tem texto e direção artística do professor Juliano Oliveira, direção coreográfica da professora Mara Gelain, Coordenação Geral do prefeito Marcos André Piaia e Primeira Dama Andryze Gelain e a colaboração de funcionários municipais, pais e voluntários.

Fiquem de olho, quando anunciarem nova apresentação do grupo não perca a chance de curtir algo belíssimo...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Rio Grande: o futuro paga pela obra de desconstrução coletiva

Porca miséria: o Rio Grande do Sul vive situação de calamidade financeira. No popular quer dizer: quebrou. Está naquela do "devo, não nego, pago quando puder." Fosse empresa privada estaria com leilão judicial dos bens que restaram marcado sem ter comprador à vista.

Trata-se de típico exemplo de penúria!

Análises, debates, projeções, tratados, seminários, altos estudos e o escambau foram, são e serão feitas para chegar a um denominador sobre as causas que deixaram nosso Estado, cheio de façanhas modelares, com as calças na mão. Não é coisa pouca um Estado com nossa história, nossa economia, nossa garra, nossa riqueza chegar a este estágio de decadência.

Mas não tem lá muito segredo sobre os fatores que nos levaram à breca. Nos últimos 40 anos (algo como dez governadores) o Rio Grande do Sul sempre gastou mais do que arrecadava. Anos após anos, recolhia quatro e gastava cinco. Deu no que deu!

Claro, além do déficit nas contas públicas – gastar sem ter grana – há essa dívida com Brasília, onde quanto mais se paga mais se deve, há também esse custo alto da folha de pagamento e o tal de rombo na previdência – inclusive por ser Estado antigo.

E o interessante, nessa calamidade, é que se trata de uma obra de desconstrução coletiva. Tijolo por tijolo a coisa foi desmoronando pela ação de todos os partidos políticos existentes – inclusive os miúdos, que de uma forma ou de outra sempre achavam brecha para conseguir um cargo em comissão dependendo da ideologia que quem estava na cabeça e vice cabeça.

Porco cane: verdadeiro arco-íris ideológico produziu essa desconstrução de forma lenta e gradual. Pelo Palácio Piratini – onde até a bandeira da pujante economia cubana foi desfraldada – passou de tudo!

Foram quatro décadas bastante democráticas: extrema esquerda, esquerda, esquerda de botequim, esquerda católica, esquerda caviar, luditas, centro, radicais de centro, insossos, direita, direita parisiense, extrema direita, direita católica – passaram pelo Palácio Piratini nos últimos 40 anos e o resultado final, em pleno Terceiro Milênio, é esse que está ao alcance de nossos sentidos! O que temos? Simples: infraestrutura precária, saúde e hospitais em pandarecos, insegurança correndo à mil livre, feliz e solta, ensino cada vez mais decadente, nossa autoestima no calcanhar.

E quem vai pagar a conta, mesmo? Uma parte significativa vai sobrar para quem consideramos nosso futuro: jovens estudantes que recebem ensino público precário em aulas que se movem aos trancos de barrancos. Pesquisas mostram reiteradamente, que nossos alunos andam muito mal na leitura, na escrita e na matemática.

O que podemos esperar do Rio Grande de amanhã num mundo que pegou essa mania de fazer uma revolução tecnológica em cima de outra revolução tecnológica quase na velocidade da luz, com gente que não sabe escrever direito, tem dificuldade de assimilar o que lê e patina nas contas de somar e diminuir? Além do mais – conforme pesquisas recentes – cresce o número daqueles que acreditam que somente terão um futuro melhor longe dos pagos.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Vidas profanas: matando em nome de Deus

UM - Até finalizar este texto o ataque com bomba e tiros desfechado numa mesquita no Egito contabilizava 305 mortos (cerca de 30 crianças) e mais de 100 feridos, segundo dados oficiais. A mesquita é frequentada por adeptos do sufismo, vertente do islamismo repudiada pelo Estado Islâmico por causa de interpretações menos literais da fé. Os sufistas falam muito em paz, além de crer que o canto e a dança também é um modo de chegar à transcendência.

DOIS - Com esse fato lembrei-me de relatório recente mostrando que conflitos religiosos aumentaram assustadoramente neste século. Há, em pleno terceiro milênio, como no trágico passado da humanidade, matança generalizada em nome de Deus. O espírito das Cruzadas, invasão árabe ao ocidente, a pauleira entre protestantes e católicos prossegue hoje em dia com muçulmanos sunitas e xiitas matando, cristãos e muçulmanos se estranhando em vários locais, budistas e hindus querendo se eliminar mutuamente, judeus e muçulmanos apelando aos céus uns contra os outros. Na última década 104 mesquitas e incontáveis igrejas foram atacadas na Europa, África e Ásia. No Brasil não fomos às mortes, mas os conflitos religiosos só têm aumentado.

TRÊS - Entre as belas realizações dos humanos que saíram das cavernas e chegaram ao Século XXI está, seguramente, a construção do conceito do sagrado. Não foi tarefa fácil! Soltos ao sabor da natureza agressiva e impiedosa, não tinham escolha: morrer ou vencer. Enfrentando o desconhecido que se manifestava pelas marés, eclipses solares e lunares, trovões e furacões, o sol de torrar os miolos ou neve de congelar o sangue, curtindo noites assombradas, feras traiçoeiras, doenças implacáveis nossos ancestrais foram gerando conhecimento que já deveriam ter sido aproveitados para dar fim às nossas mazelas. O conceito de sagrado está no rol dessa herança das cavernas.

QUATRO - E nesse contexto do ataque no Egito encontrei, entre centena de textos, um que aumenta nossa perplexidade: "Em seu infinito amor, Deus, Criador do universo, criou o homem à sua imagem e semelhança, para amá-lo e fazê-lo participar da sua vida divina. Por isso a vida humana é sagrada, pois tem em Deus a sua origem e o seu fim, ela não é fruto do acaso ou de mera evolução física; e portanto, é, também, inviolável porque pertence a Deus, seu criador". É de se indagar: os caras das cavernas deixaram para a maioria religiosa da humanidade um belo conceito de sagrado por que essa teimosia em profaná-lo?

CINCO - Em meio ao noticiário que aumenta nossa perplexidade ao verificar que continuamos matando impiedosamente nosso semelhante em nome de Deus alguém questionou: "como é possível amar a Deus e detestar os homens"? Em sua caminhada terrena o ser humano descobriu que ele, em vindo do Criador, é algo sagrado e aos quatro ventos alguns tentam pregar tal ideia parece que sem sucesso, eis que nada é tão profanada do que a vida humana. Tudo em nome de Deus, Tupã, Javé, Alá, Jeová, Brahma, Shiva, Devas.

SEIS - Diante desses fatos - que até podem ser definidos como insanos - cabe indagar: para que precisamos dos demônios?



Ironia da História: comunistas chineses tornam-se capitalista e fortalecem o capitalismo brasileiro

Entre 1949 e 1976 Mao Tse Tung foi insano tirano na China. Esse pedófilo é responsável por 75 milhões de vítimas ao tentar, a ferro e fogo, implantar o comunismo.

Esse maníaco – a exemplo de todos os demais ditadores comunistas como Stálin, Pol Pot, Fidel – foi tão admirado que até aqui em Passo Fundo, lá nos anos de 1960, circulou a publicação “O livro vermelho – Citações do Comandante Mao Tse Tung”, organizado por Lin Piao, então ministro da defesa chinês.

Sim, liamos o comunista Mao para acabar com o capitalismo brasileiro!

É incrível o conteúdo que a gente debatia às escondidas naqueles anos confusos criados pelo golpe militar brasileiro. Em discurso de 1940, por exemplo, Mao garantia: “O comunismo é simultaneamente um sistema completo de ideologia proletária e um novo regime social. Esse sistema e esse regime diferente de qualquer outro sistema ideológico ou regime social, e são os mais completos, progressistas, revolucionários e racionais da história da humanidade”.

Sacaram? Parte da geração “caminhando e cantando” engoliu essa baboseira!

A citação seguinte (que gera masturbação mental ainda hoje aos re-fêns dessas baboseiras) foi feita pelos 40 anos da Revolução Russa: “O sistema socialista acabará por substituir o sistema capitalista; essa é uma lei objetiva, independente da vontade do homem. Por muito que os reacionários tentem impedir o avanço da roda da história, tarde ou cedo a revolução se fará e conquistará a vitória inevitavelmente”.

O final todos sabem: Mao (que vivia no luxo) morre deixando a China na miséria após matar de fome, fuzilamentos, torturas 75 milhões de pessoas e assume Deng Xiaoping “homem de dentro do aparelho da ditadura comunista chinesa desde o tempo da guerra civil, que viu tudo e passou por tudo”.

Frente ao colapso soviético Deng manobra e muda o rumo do país com a frase emblemática que sepulta as ideias de Mao (embora idiotas de hoje teimem em seguir as baboseiras): “Pouco importa se o gato é branco ou preto, contanto que pegue os ratos”.

E para não deixar dúvidas sobre suas intenções, lascou: “só se pode falar alto quanto se tem muito dinheiro”. Aí o homem que enterrou o pensamento de Mao foi, a despacito, entregando as partes mais suculentas da economia aos camaradas do Partido Comunista Chinês e estes se tornam capitalistas radicais tirando em curto espaço de tempo mais de 300 milhões de chineses da miséria.

Caracas, como um comunista radical se torna um capitalista radical? Entre Marx e Freud quem consegue explicar tal metamorfose esfuziante?

Mais: os comunistas que viraram capitalistas saem investindo como loucos pelo Planeta. Esse fato, no Brasil, vira samba de crioulo doido. Enquanto os comunistas brasileiros ainda fazem o discurso do século passado contra o capitalismo os comunistas chineses que se tornaram capitalistas investiram neste nosso lindo pendão da esperança mais de 47 bilhões de dólares nos últimos dez anos.

Será isso não cheira a esquizofrenia? Como pode esses insensíveis comunistas capitalistas da China ridicularizar o programa dos comunistas brasileiros desse jeito? Como podem os comunistas capitalistas da China fortalecer a burguesia brasileira?

Para ilustrar: os comunistas russos do PCR também fatiaram a economia russa e se tornam os maiores capitalistas do seu país. Tem ironia maior do que essa dos comunistas matarem, matarem, matarem para se tornarem capitalistas? Somando Rússia e China os comunistas mataram cem milhões para acabar com o capitalismo e como não deu certo troca de lado e se tornam capitalistas.

Tem ironia mais ionesca do que os comunistas brasileiros se esganando contra o capital e comunistas capitalistas chineses e comunistas capitalistas russos lutando para fortalecer o capitalismo no Brasil e no mundo?

É, esse mundo está perdido! Ou não?

Jornalista, membro da Academia Passo-fundense de Letras



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Lula define Moro: “o cara é do mal, bicho”

Caravana, entre outras definições, é um elevado numero de pessoas que se reúnem para, com maior segurança, viajar, transitar, comercializar por ermos desertos ou locais tidos como perigosos.

Neste momento histórico quem recebe nossa atenção é essa caravana organizada pelo Lula, já em campanha política para 2018. Isso é legal? Fazer campanha já pode? Com a policia ao seu encalço o sujeito que já foi ícone da esquerda mundial corre como doido berrando impropérios.

Pois essa caravana do Lula, algo totalmente esdrúxulo e bastante típico de vazios éticos que nos remete a Macunaíma, percorre o Brasil com qual finalidade mesmo? Quando passou pelo nordeste ele afirmou: “temos condições de mudar o Brasil”. Muito interessante, eis que realmente precisamos de quem mude este nosso País, mas mudar o que, com Lula?

Agora essa troupe que também pode ser definida como uma excursão esteve no Rio de Janeiro sem muitos para aplaudir mesmo com pão e mortadela: a coisa na cidade maravilhosa está mais para tubarão do que para sereia.

Mas ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, já condenado a nove anos e meio de prisão por corrupção passiva e lavagem de dinheiro e que é réu em cinco outras ações penais, três pela Operação Lava Jato, uma pela Operação Janus e uma pela Operação Zelotes, além de alvo em outros inquéritos, reiterou estar sendo injustiçado.

O homem, que não brinca em serviço e consolidou a façanha de levar os tentáculos da corrupção brasileira também ao exterior desancou o juiz Sérgio Moro. Virou moda tentar tripudiar esse magistrado, o que não é de estranhar num país que também virou moda defender seu corrupto preferido.

Usando palavreado típico dos “magrinhos” dos anos de 1970 (sai dessa, bicho: qual é a tua, bicho?; manja, essa, bicho; paz e amor, bicho!), Lulinha bate no Juiz Sérgio Moro: “o cara é do mal, bicho”. Sim, do mal.

Alguém, com maldade, debocha dessa postura e relembra o fato ocorrido com um político do alto escalão do governo japonês. Conforme a imprensa registrou “em maio de 2007, Toshikatsu Matsuoka, deputado e ministro da Agricultura do Japão, 62 anos de idade, cometeu o suicídio. Acusado de corrupção, Matsuoka enforcou-se com uma correia de cachorro na porta da sala onde morava, em Tóquio. A polícia e a justiça descobriram que seu comitê eleitoral recebeu milhões de ienes de construtoras e empreiteiras que ganharam licitações de uma agência de gestão florestal controlada pelo governo. Estou dolorosamente consciente de minha responsabilidade, como ministro. É meu dever que tal ato não se reproduza”, deixou escrito o ministro-suicida.

É desumano, maldade sem freio, imperdoável, incorreto, injusto, exagerado, sugerir algo assim a um corrupto brasileiro. Não é esse o caminho. Agora, que nossos acusados não tenham um mínimo de postura diante de acusações sérias levantadas por nossas autoridades policiaes, torna-se um deboche inominável...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Nosso estonteante Resonare, dez anos

Esse grupo extraordinário denominado Coro Resonare, aqui da nossa terrinha, completou dez anos e no domingo, dia 17, fez, como sempre, as pessoas viverem momentos de intensa emoção na Capela do Colégio Nossa Senhora da Conceição.

O coro (canto coral) está entre as criações mais antigas da humanidade que perdura em nossos dias. Dizem os historiadores que há registro do canto coletivo desde 3.500 a.C e que ele ganhou impulso na antiga Grécia. Por volta do ano 1.000 ganha força em mosteiros e comunidades religiosas cristãs e explode para o mundo.

E o Coro Resonare é fagulha dessa explosão, faz parte dessa história.

O que as trinta vozes do Resonare produzem, injetam, transmitem, mandam para nossos corpos e mentes as palavras não conseguem expressar, mas, com certeza, é algo que beira a transcendência milenar que acompanha esse tipo de canto. E aí fica difícil, para quem deseja escrever, dizer, definir com palavras essa magia que transmite.

É sempre a mesma coisa: a gente entra na capela, senta, espera um pouquinho e, assim, como quem começa embalar um bebê, vozes maravilhosas de mulheres e homens sorridentes vão dominando nosso ser levando-nos por incríveis viagens sem itinerário prévio. Sim, é possível dizer isso: ouvir o Resonare é fazer uma viagem encantadora.

Alguém me disse que com aquelas vozes de sopranos, contraltos, baixos e tenores que, como descarga potente de adrenalina de repente parece dominar a capela, sentiu-se viajando em mar bravio, indômito, com ondas gigantescas – oh fortuna –, mas sem sentir um pinga de medo. As vozes o dominaram com intensa docura.

Há momento em que aquelas bocas cantoras têm a sublime capacidade de nos levar às alturas. Sem força de expressão, vamos às alturas, é tudo muito sutil, o som nos arrebatava e quando nos soltamos, fechamos os olhos, aleluia, aleluia, ficamos no movendo como pluma em meio a uma nuvem.

Não poucos se sentem caminhando de mãos dadas com alguém que lhe acelera o coração em meio a palavras floridas ou correndo montanha acima para se aproximar do que crê ser o infinito ou ainda curtindo a quietura de um sol que bate numa areia branca a sombra de uma sereia. Quando a mente, alma, espírito são impulsionado pela música os limites desaparecem e nos tornamos completamente livres!

É outra coisa realmente incrível disso tudo é que ali no palco estão pessoas que você conhece da rua. São homens e mulheres de carne e osso, que aqui moram, que aqui trabalham, que aqui vivem e que quando se reúnem no Resonare sob a regência do Ademir se transformam em seres especiais que nos encantam, hipnotizam, emocionam.

Obrigado e parabéns às vozes divinas de Ana Lúcia, Ana Marli, Ariel, Blandina, Delcia, Iara, Juliana, Lizandra, Maysa, Roberta, Claudia, Ellen, Karine, Marga, Marlene, Sonia, Tania, Terezinha, Vera, Euclides, Jorge, Paulo, Cassiano, Gabriel, Graciela, Júlio, Tiago. Também aos músicos Tiago, Gustavo (de Pelotas), Augusto, Henrique, Douglas.

Eu, Resonare, já estamos na fila aguardando o nosso espetáculo!



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

1968, cinquenta anos depois

Olhei para o passado e fixei a mente em 1968. Tem 50 anos. O mundo, o Brasil e Passo Fundo fervilhavam e aos vinte anos tudo me parecia desmoronar. Agora se tem a sensação de que foi na semana passada que tudo aconteceu. Os meninos universitários da Europa, Estados Unidos e cá da Pátria amada decidiram botar o mundo de ponta cabeça. E depois daqueles tempos estranhos tudo ficou como estava. Será?

Teve de tudo e gente cheia de sabedoria ainda não entendeu bem o que houve. Há quem diga que a explosão da década de 1960 – na qual o 1968 é emblemático – foi revolta em busca do coletivo, do socialismo, e, outros (estes aparentemente com maior razão), garantem que foi apenas a busca de um novo individualismo.

É fato que sexo, drogas e rock n' roll vira filosofia de vida, os três elementos são apreciados por jovens da década de 60 e chocaram a América conservadora no Festival Woodstock, em 1969 que fez explodir a cultura hippie. Mas lá, ainda, o negro repensou seu espaço na sociedade e alhures homossexuais e mulheres se organizam por mais aceitação, a minissaia scandaliza conservadores, a guerra no Vietnã é amplamente condenada, os países africanos se movem por independência. Na França, o tal de Maio de 1968 inicia reivindicando dormitório misto nas universidades e se torna protesto que fragilizaria o governo de Charles de Gaulle. Países Suécia e Dinamarca pela primeira vez produzem filmes e revistas de sexo explícito, as drogas são discutidas como alternativa "para atingir novas dimensões psíquicas". No Brasil a discussão acalorada se dá em torno de eliminar o costume das meninas precisavam casar virgens.

No Leste europeu oprimido pelo comunismo a Tchecoslováquia quer se livrar da opressão soviética e Moscou reage, enviando seus tanques, como fizera antes na Hungria, esmagando o movimento em busca da democracia. A Primavera de Praga foi outro movimento de rebeldia importante daquele ano, preconizando a queda do sistema socialista na Europa em 1989.

Ainda no Brasil a fervura passa dos cem graus com a morte do estudante Edson Luís, abatido em março de 1968 pela Polícia Militar do Rio e redundando na Passeata dos Cem Mil. O fato se reflete em Passo Fundo, quando universitários e secundaristas se concentram em frente à Catedral até a polícia, de forma polida, mandar dispersar o que é feito após o hino nacional. Pode ser contraditório, mas é desse ano a fundação de uma das instituições pilares para a pujança do município: a Universidade de Passo Fundo.

No País coisa ferve no ponto da decretação do Ato Institucional número 5 – para alguns um golpe dentro do golpe – que "autorizava o presidente da República, em caráter excepcional, sem apreciação judicial, a: decretar o recesso do Congresso; intervir nos estados e municípios; cassar mandatos parlamentares; suspender, por dez anos, os direitos políticos de qualquer cidadão; decretar o confisco de bens considerados ilícitos e suspender a garantia do habeas-corpus."

Foram tempos estranhos pois por participar de um congresso estudantil botaram quase mil jovens na cadeia, sendo cinco cá de Passo Fundo: o Carlos Alceu, o Gilberto, o Argeu, a Vera e eu. Facilmente nos taxavam de subversivos, nos botavam a lei de segurança nacional goela abaixo, nos obrigavam a gente ir estudar em outro lugar. E aí, como já disse um estudioso da época "por conta da repressão que crescia e as revoltas arquitetadas pelos estudantes tomavam as ruas, e ao mesmo tempo, a "revolução armada" ganhava corpo entre os jovens rebeldes".

Pensei em 1968 ao visualizar 2018 e constatar que realmente foram tempos estranhos. Tão estranhos que hoje é preciso consertar as bobagens que parte dos revolucionários de ontem fizeram ao chegar ao Poder Central, de modo particular, ao mergulharem na corrupção deslavada que tanto condenavam.

Tão estranhos que mesmo com aquela sensação de que tudo desmoronaria conseguimos um salto tecnológico sem precedentes na história da humanidade. Em síntese é o seguinte: não se assustem se a partir de 2018 novos tempos estranhos brotarem...